

**MATEUS CAMARGO PEREIRA  
MARIANA ZUANETI MARTINS  
RAFAEL CASTRO KOCIAN**

# **PIPOCAS PEDAGÓGICAS:**

**NARRATIVAS ESCOLARES DO PIBID EDUCAÇÃO  
FÍSICA/IFSULDEMINAS**



**INSTITUTO FEDERAL**  
Sul de Minas Gerais



**MATEUS CAMARGO PEREIRA  
MARIANA ZUANETI MARTINS  
RAFAEL CASTRO KOCIAN**

# **PIPOCAS PEDAGÓGICAS:**

**NARRATIVAS ESCOLARES DO PIBID EDUCAÇÃO  
FÍSICA/IFSULDEMINAS**



**INSTITUTO  
FEDERAL**  
Sul de Minas Gerais  
2017

© 2015 – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS)

**PIPOCAS PEDAGÓGICAS: NARRATIVAS ESCOLARES DO PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA / IFSULDEMINAS**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, sejam quais forem os meios empregados, sem a permissão, por escrito, do **IFSULDEMINAS**. Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107 da Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

**Revisão:** Daniela Risson – Jornalista – ME

**Diagramação:** M&W Comunicação Integrada LTDA – ME

**Impressão:** Tavares&Tavares Empreendimentos Comerciais LTDA – ME

**Editora:** IFSULDEMINAS

**Endereço:** Avenida Vicente Simões, 1111 – Nova Pousa Alegre – Pousa Alegre/MG - 37550-000

**Site:** <http://www.ifsuldeminas.edu.br/>

**Email:** [proex@ifsuldeminas.edu.br](mailto:proex@ifsuldeminas.edu.br)

Pereira, Mateus Camargo.

Pipocas pedagógicas : narrativas escolares do PIBID educação Física / Mateus Camargo Pereira, Mariana Zuaneti Martins e Rafael Castro Kocian. – Pousa Alegre : IFSULDEMINAS, 2015.

87 p.

ISBN: 978-85-67952-09-03

1. Práticas de ensino. 2. Formação de professores. 3. PIBID. 4. Educação física. I. Martins, Mariana Zuaneti. II. Kocian, Rafael Castro. III. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais. IV. Título.

# SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| Prefácio: Continuemos a narrar                   | 7  |
| Apresentação: narrando a formação de professores | 9  |
| O amor e um domingo de manhã                     | 15 |
| Afinal, quem é Ana?                              | 18 |
| E esse dedo aí?                                  | 20 |
| Meu verdadeiro lugar                             | 22 |
| Lápis cor de pele!                               | 25 |
| Nada pessoal                                     | 26 |
| Pastor ladrão                                    | 28 |
| Se não for para ajudar, também não atrapalha!    | 29 |
| Custos e recompensas                             | 30 |
| As filas   | 31 |
| Como é bom ser criança                           | 33 |
| A Pombagira                                      | 34 |
| Brinco na língua                                 | 36 |
| Ensaboando a rotina                              | 38 |
| Fazer isso? Impossível!!!                        | 39 |
| “Tudo mudou”                                     | 41 |
| Quem ensina quem?                                | 43 |

|  |    |
|--|----|
| Certezas e incertezas                        | 44 |
| É só o começo                                | 47 |
| O dia em que saí de casa                     | 48 |
| Hotel divertido                              | 50 |
| Nada vem de graça                            | 52 |
| Mulher macho                                 | 53 |
| Atletismo                                    | 55 |
| Navegar é preciso                            | 57 |
| Minha vida e minhas escolhas                 | 59 |
| Mesmice                                      | 61 |
| Um caminho de pipocas                        | 62 |
| Um mineiro nordestino                        | 64 |
| Apenas um pacote de bolacha                  | 67 |
| De tanto nunca, agora sempre!                | 69 |
| Como me tornei professora?                   | 70 |
| Um dia de saias                              | 73 |
| Desafios de um estagiário do ensino infantil | 75 |
| Mãos ao alto! Isso é uma prática pedagógica  | 77 |
| As duplas que causaram reboliços             | 81 |
| Saindo da normalidade                        | 83 |
| Gênero, sexualidade e formação docente       | 84 |

# Prefácio: Continuemos a narrar

Guilherme do Val Toledo Prado  
Prof. Dr. Faculdade de Educação  
UNICAMP

Prefaciando o livro “Pipocas Pedagógicas”, produzido pelos participantes do subprojeto Educação Física do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), campus Muzambinho, não só é um prazer, como também uma responsabilidade gratamente cumprida.

O movimento de escrita de pequenas narrativas do cotidiano escolar – as *narrativas pedagógicas* - como chamamos no GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada da UNICAMP, - foi consolidado, em 2008, a partir do encontro de professores e profissionais da educação da escola básica e universidade, que se reúnem sistematicamente, às terças-feiras – Grupo de Terça do GEPEC - para discutir suas práticas pedagógicas e profissionais, na Unicamp, desde 1996.

Os livros “Pipocas Pedagógicas: narrativas outras da escola” (2013), “Pipocas Pedagógicas II: narrativas outras da escola” (2014) e “Pipocas Pedagógicas III: narrativas outras da escola” (2015) sistematizam um conjunto de produções de diversos participantes destes encontros. Pequenas narrativas que, livres na forma e densas no conteúdo, narram olhares, emoções, experiências vividas, que irrompem no cotidiano escolar e no trabalho pedagógico. E como irrompem, explodem aos olhos dos narradores, começamos a chamá-las de “pipocas pedagógicas”. Essas “pipocas pedagógicas” evidenciam o olhar sensível, a “pegada” singular, as margens possíveis, que acontecem no dia a dia dos professores; as pequenas frestas possíveis que possibilitam outras práticas, que se apresentam nas ausências exiladas, ampliando nosso presente, promovendo movimentos emergentes da e na escola e construindo novas possibilidades de futuro, junto às práticas pedagógicas e de ensino e aprendizagem.

E essas singulares e potentes narrativas pedagógicas que encontramos neste livro – Pipocas Pedagógicas – produzido pelos bolsistas de iniciação à docência, professores coordenadores de área, professores supervisores do subprojeto de Educação Física, evidenciam a riqueza dos encontros promovidos pelos participantes deste subprojeto do PIBID. Encontros que mostram a singular relação de um bolsista com os estudantes da escola, o olhar sensível de um professor para com seus estudantes, a ética comprometida estabelecida na relação entres os sujeitos que convivem e vivem o cotidiano escolar. Esses e muitos outros acontecimentos que expõem as potencialidades dos encontros entres pessoas e profissionais, que ocorrem no cotidiano escolar.

Vale ressaltar, também, que as narrativas pedagógicas presentes neste livro, não só mostram o importante relacionamento que é necessário estabelecer nos processos de formação, inicial ou continuada, como o conjunto de conhecimentos que é mobilizado, tanto pela escola, como pela universidade, para promover aprendizados necessários na construção de uma formação pautada pela expansão dos conhecimentos e saberes dos estudantes das escolas atendidas pelo subprojeto Educação Física.

As “pipocas pedagógicas” deste livro – pequenas narrativas vivenciadas na ambiência escolar – revelam as aprendizagens coletivas que acontecem no ambiente escolar e marcam novos modos de aprender e apreender a docência de um grupo de pessoas. Os participantes do subprojeto de educação física compartilharam e compartilharam seus saberes, a partir de suas vivências, e construíram novos modos de relacionar-se com as práticas pedagógicas, seja na universidade seja na escola, antevendo que é possível, sim, criar novas modos de aprender e a ensinar no interior da escola.

Espero, sinceramente, que os leitores destas narrativas pedagógicas, deliciosas “pipocas pedagógicas” produzidas no caldeirão de vivências cotidianas na escola, possam sensibilizar-se e, com isso, passem também a narrar suas vivências cotidianas e produzir novas narrativas pedagógicas – outras “pipocas pedagógicas” – nos locais e escolas em que trabalham!!!

Santos, 07 de julho de 2016.



# Apresentação

## Narrando a formação de professores

Mariana Zuaneti Martins

Mateus Camargo Pereira

Rafael Castro Kocian

Este trabalho reúne 37 narrativas de situações ocorridas no contexto escolar, redigidas por coordenadores, supervisores e estudantes participantes do subprojeto Educação Física, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), campus Muzambinho.

O desafio de aprimorar a escrita dos futuros professores foi posto pela CAPES, como uma das metas do PIBID no país. Cumpri-lo de forma motivadora – sem nos prender ao formato dos relatórios e artigos científicos – foi a saída encontrada, inspirada pela experiência das “pipocas pedagógicas”. As pipocas foram inventadas no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada (GEPEC), da Faculdade de Educação da Unicamp, coordenada pelo professor Guilherme Val Toledo Prado, nas quais temas do cotidiano escolar “estouram” em pequenos textos narrativos.

Segundo Prado (2013, p. 150), as narrativas pedagógicas são escritos, dizeres e histórias de docentes, “produzidos com o propósito de compartilhar saberes e conhecimentos a partir da reflexão sobre a própria experiência, da observação da prática dos pares, da discussão coletiva, da leitura, do estudo e também da pesquisa”. Estas narrativas contribuem para o conhecimento das trajetórias pedagógicas desses docentes, bem como das situações que os formam. Segundo o autor, são trilhas que permitem aos outros compreender como chegamos a ser o que somos, como pensamos e como agimos no âmbito da edu-

cação (MARÇAL et al, 2009). Nesse sentido, as narrativas permitem a construção de uma ponte entre o leitor e o autor, criando uma empatia, a partir de uma relação de alteridade, respeito e reconhecimento.

Começamos, então, no mês de abril de 2014, a desafiar nosso grupo na construção desses textos, lidos ao final de cada encontro. Encarada, inicialmente, como mais uma tarefa estabelecida pela coordenação, a atividade, rapidamente, acabou se tornando o “momento mais esperado do dia”. Normalmente, nossas reuniões terminavam com cerca de cinco narrativas; cercadas de risos, comoção, indignação e muita riqueza narrativa.

Ao lermos as narrativas uns dos outros, nos reconhecemos em diversas delas, porque são caminhos que se cruzam, que nos entrecruzam, que partilhamos na constituição da nossa trajetória docente. Um desses cruzamentos é o subprojeto de Educação Física do PIBID, que motiva a formação desse livro. Contudo, não é a única fronteira de relação. Veremos narrativas que propõe encontros a partir do curso de Educação Física, com base no marcador de gênero, tendo como fundamento a autorreflexão sobre as nossas experiências escolares anteriores, sobre nossas aulas de educação física na escola, sobre nós mesmos.

As narrativas são frutos de nossas experiências escolares. Entendemos experiência a partir do viés de Walter Benjamin. Para Benjamin, a noção de experiência está relacionada à possibilidade de narrar histórias, internalizadas, de ouvi-las e reproduzi-las, pois “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 2011, p. 198). A experiência é, de acordo com o autor, um elo que nos vincula a um passado, a uma tradição, da qual sobressaem frutos de sabedoria e autoridade. Nesse sentido, a partir das experiências, vamos traçando nossas trajetórias pessoais, que nunca são sozinhas. São sempre contextuais, permeadas por conflitos, por relações e por diálogos e trocas (BENJAMIN, 2011).

Buscamos, com a experiência, entender a forma como as situações pedagógicas perpassam seus sujeitos (LARROSA, 2002), como os tocam, como acontecem por ele. Nesse sentido, a experiência passa

pelo sujeito, que receptivo a ela, se deixa tocar por ela, é interpelado por ela. Ele está, portanto, disponível à transformação. A partir desse acontecer da experiência no sujeito, se constrói um saber, “que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (LARROSA, 2002, p. 20). Nesse sentido, não é um saber “informação”, mas um saber que confere sentido a vida, que será internalizado na prática social do sujeito.

É partir dessas experiências que surgem as narrativas. De acordo com Benjamin (2011, p. 201), a arte de narrar se refere a uma tradição coletiva de contar histórias e ouvi-las, e, a partir da internalização da própria experiência, de reproduzi-las, já que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros e incorpora, às coisas narradas, a experiência dos seus ouvintes”. Nesse sentido, as histórias narradas e renarradas por esses professores remetem a momentos de aprendizado em suas trajetórias, que os tornam os docentes que são.

A narração está associada à experiência, na medida em que não é uma mera transmissão do *puro-em-si* da coisa narrada, como informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador, para, em seguida, retirá-la dele”. É nesse mergulhar na vida do docente que se apresenta a riqueza dessas narrativas. Nelas, “se imprimem as marcas de seu narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 2011, p. 205).

Benjamin relaciona, explicitamente, a relação da experiência com a narração, defendendo que a experiência é incorporada à narração, de modo a tornar esta algo próprio do narrador, que é transmitido, reinterpretado, e recontado, como uma tradição.

Nesse sentido, a arte da escuta, da observação e do diálogo são inerentes à experiência e às narrações da mesma. Tais processos permitem que a relação seja sempre dialógica e reflexiva, elementos que são fundamentais à prática pedagógica.

Além disso, as narrativas pedagógicas permitem que o narrador mergulhe novamente na história narrada, a reviva e reinvente,

com base nas reflexões e trocas expressas a partir dela.

Nesse sentido, a narrativa é uma forma de pesquisar sua própria prática pedagógica, algo fundamental na didática docente. Segundo Caparroz e Bracht (2007), a reflexão é parte inerente da prática docente. A narrativa é como uma autopesquisa contínua. As narrativas, a partir desse olhar dos autores, poderiam ser compreendidas como a ideia da “autoria” docente, na didática pedagógica. Esta autoria docente vincula-se a uma interminável reflexão sobre o desenvolvimento da prática pedagógica e como esse “fazer-saber” didático pedagógico estão relacionados com o “eu”, narrador.

Além disso, a narração e a escrita possibilitam compreender, como também se fazer compreendido, como autor, para ser educador, e vice-versa. Narrar pode significar um relato que é um estranhamento consigo mesmo, admitir o não conhecimento, buscar questões, capturar o mistério, pensar criticamente a educação, como compromisso humano. Nesse sentido, a narrativa possibilita, à autoria docente, a sua própria prática: a ressignificação do existente e a construção de novas relações.

Tão prazeroso quanto comer pipocas, esperamos que os textos apresentados também sejam apreciados, como experiências pedagógicas do cotidiano, servindo de inspiração para reflexão em torno do dia a dia. A escola por nós frequentada, na educação básica, situações experienciadas nos estágios e ações do PIBID, experiências profissionais dos já atuantes no mundo do trabalho; tudo virou fermento para as elaborações aqui apresentadas.

As narrativas desta obra versam sobre os desafios do ensino superior, marcantes para estes estudantes, na fase da vida em que se encontram. Percebe-se que as formações advindas das experiências da graduação deixam marcas e saberes que serão incorporados, na docência, por esses sujeitos. Elas versam, também, sobre memórias de suas experiências escolares anteriores. Nestes casos, interessantes são as reinterpretações sobre tais experiências. Os novos saberes, advindos da formação universitária e docente, se interpelem aos saberes anteriores, de modo que uma reflexão crítica, ou mesmo uma revalorização

zação do passado, aparecem sob novos contornos.

Além disso, as práticas pedagógicas – advindas do estágio curricular obrigatório em Educação Física e das intervenções pedagógicas do PIBID – também adentram essas narrativas. Percebe-se a escola como um lugar múltiplo de tempos e espaços, sujeitos e situações. São muitos os saberes e as experiências com as quais aprendemos na escola. A narrativa sobre ela permite dar luz a esses aprendizados, que, muitas vezes, vamos naturalizando. Demonstram a riqueza da formação para a docência advinda do ambiente escolar. Sem dúvida, alguns saberes não estarão presentes nos livros, ou só farão sentido, realmente, a partir da vivência efetiva dessas experiências.

Por fim, emergem, nas narrativas pedagógicas, situações perpassadas pelo marcador de gênero, a construção social que identifica o masculino e feminino. O gênero tem transversalizado nossas discussões, no subprojeto, e a consequência demonstrada, por essas narrativas, é que temos conseguido despertar sensibilidades distintas.

Comportamentos sociais antes normalizados pelo marcador de gênero e, por isso mesmo, imperceptíveis, começam a ser questionados, problematizados. Torna-se perceptível que a escola promove marginalizações e coloca crianças em diversas “gavetas” e “armários”, criando traumas e preconceitos para as futuras gerações que, muitas vezes, refletem a nós próprios. Percebemos, nesse sentido, que a decisão de elencar esse marcador como um objeto de discussão foi importantíssima e nos permite, agora, colher frutos.

Ao dar materialidade a estas narrativas, no formato de um livro, quisemos homenagear a escola básica deste país, tão maltratada e cheia de mazelas; expondo sua riqueza de vida e suas contradições. É uma forma de valorizar a instituição que nos forma e que tem nos ajudado a formar novos professores de educação física em Muzambinho e região.

Esperamos que nossa experiência inspire nossos estudantes a escrever mais e melhor, a retratar o cotidiano escolar com todas as riquezas e contradições nele presentes. Agradecemos ao IFSULDEMINAS por contemplar a publicação deste livro.

Desejamos a todos uma boa leitura!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo, Ed. Brasiliense, 7 ed. 2011.

CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas**, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.

LARROSA, J. G. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr, n. 19, p. 20-28, 2002.

MARÇAL, E. S. PINHEIRO, M. A. M, SADALLA, A. M. F. A. PRADO, G. V. T. Escritas de professores: trilhas narrativas para tornar-se um professor-pesquisador. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, 12(1): 75-94, 2009.

PRADO, G. V. T. Narrativas pedagógicas: indícios de conhecimentos docentes e desenvolvimento pessoal e profissional. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.4, n.10, p.149-165, 2013.

# O amor e um domingo de manhã

Bruna Saurin Silva

Quero falar, nessa pipoca, sobre algo que vivenciei esses dias e que de alguma forma, tem muito a ver com o que problematizamos no PIBID. A história começa quando tive contato com um viral que estava rolando na internet, na manhã de um domingo. Essa história falava de dois garotos, Mateus e Eduardo, creio que ambos tinham 6 anos de idade. Seu desfecho é a morte de Eduardo, possivelmente, e certamente, a meu ver, causada pela ausência de Mateus.

Um dia, questionado pelo pai sobre gostar de alguma menina na escola, Mateus respondeu que não, pois já amava Eduardo. Esse mesmo pai teve a reação absurda de bater em seu filho e, no dia seguinte, ao vê-los juntos, na saída da escola, decidiu que se mudaria, levando Mateus para outra cidade.

A história pode ser resumida da seguinte forma. Eram grandes amigos, que passavam muito tempo juntos, até Mateus dizer que amava Eduardo. Seu pai, revoltado, além de agredi-lo, tirou o filho da escola, levando-o para outra cidade. Eduardo, sentindo a falta de Mateus, ficou doente, foi para o hospital; lá, foi piorando, cada vez mais, e acabou morto.

Pergunto a vocês, meus caros, que tipo de amor sentia Mateus por Eduardo? Será que queriam se casar e ter filhos? E se sim, qual o motivo para tal agressão, vinda de uma pessoa que deveria ajudá-lo a entender tudo isso? Que falta de amor é essa que nos leva a agredir quem amamos? Chorei nesse dia, quando me deparei com esta história. Chorei porque sabia que poderia ser eu, o Mateus ou o Eduardo; porque poderia ser um amigo meu; ou você, ou ele, ou diversas outras pessoas. Chorei também porque sei que já aconteceu com diversos Joãos, Marias, Pedros e Joaquinas. Sei que muitos já morreram por suas diferentes formas de amar.

E então o que é o amor? É verdade que ele se tornou algo tão

sexualizado, a ponto de falarmos nele unicamente imaginando um casal; primeiramente hétero, depois homo, bi, trans e afins? E o amor que sentimos pelos familiares, pelos amigos, pelo periquito ou papagaio? O sentimento bom ao sentir um cheiro, ou comer uma comida especialmente preparada por alguém que amamos, ou escutar uma música, aquele olho marejado ao regressar a um lugar que te faz bem; uma praia, ou a casa da vó? O amor se tornou algo sexual, comercial e vendido; tendo, até mesmo, dia certo no calendário para ser comemorado. E por que não comemorar esse sentimento todos os dias, de diferentes formas, por diferentes motivos e em diferentes lugares?

Aqui deixo de falar sobre o Mateus e o Eduardo, para falar de um tema muito debatido na faculdade, nesses últimos dias, intercâmbio. Lembrando que não estou mudando de assunto, mas fazendo um link entre as duas histórias. Falo por mim, mas quem já esteve nessa posição, creio, concordará. E quem ainda irá, vai, certamente, entender quando voltar. A palavra intercâmbio tem, por si, milhares de sentimentos associados a ela, ainda mais quando vinda de alguém que já o viveu.

No México, tinha um amigo que, depois, se tornou um irmão, e sempre nos dizia: “um intercambio se resume em 3 regras”. A primeira é “viva tudo o que tiver vontade e jamais volte ao seu país com vontade ter feito algo”; a segunda, “não se apaixone jamais”; e a terceira deveria ser algo menos importante, porque não me recordo, algo parecido com “nunca perca a chance de estar bêbado”.

Por muito tempo me fixei nessas regras, principalmente na terceira (brincadeira), principalmente na primeira. Então, a todos os lugares que ia, ou tudo que fazia, era sempre pensando: “não posso passar vontade, não posso passar vontade”. E a segunda regra sim, a quebrei!

Porém, já estando no Brasil percebi, de verdade, que deslizei em todas essas regras. Mas refletindo sobre elas, percebi que tinham pontos falhos importantíssimos. Afinal como poderia viver tudo intensamente, se a outra regra não me deixava viver uma paixão?

Nesse momento, me dei conta de que me baseava em leis ton-tas, de um garoto tonto. Mas o que posso dizer, se me apaixonei por ele,



por seus irmãos e amigos, por seu idioma, por sua cidade, pelo seu país, por seus lugares, pelo seu sol? E é aí que essa história se liga a outra. No momento em que digo que o amor pode e deve ser vivido de diferentes formas e sentidos. O amor está em todos os lugares, basta querermos e sabermos usá-lo. Nunca pensei que um sol de 56 graus fosse bacana e, hoje, sinto falta.

Nunca me senti tão intensamente “filosofando” sobre nada, como quando estivemos sentados sobre um deserto de sal. São esses momentos que te fazem perceber que o amor é algo muito maior do que aquele que comercializamos por aí. E se eu puder dar um conselho aos meus amigos que estão aqui e já se vão, é que sim... É possível viver intensamente um intercâmbio e se apaixonar. Se apaixone por tudo, pelas pessoas, pela cultura, pelos lugares por onde passar, pelo idioma. Se apaixone pela intensidade desse momento único na sua vida, e talvez até por uma pessoa, por que não? Essa sim é a forma mais singela e verdadeira do amor. Ame a vida e ame viver. Muitos morreram por pensar assim, muitos ainda vão morrer. Mais sim, morreremos amando, da forma que nos faz feliz.

# Afinal, quem é Ana?

Lorrانيا Miranda Nogueira

Desde que iniciei o estágio no Ensino Infantil uma garotinha, sempre que me via, logo perguntava:

- Tia, você é minha amiga?

E eu respondia:

- Sim.

E ela:

- E da Ana?

E eu:

- Também.

Mas, na verdade, não fazia a mínima ideia de quem era a Ana. Imaginava que era uma das alunas, apesar de saber o nome de praticamente todas. E esse fato foi se repetindo, até que, quase no final do estágio, essa garotinha, no meio de uma aula, me entregou uma folha e disse:

- É para você, tia.

Para demonstrar que estava empolgada com o presente, desdobrei a folha e observei que havia uma casa, uma árvore e duas pessoas desenhadas. Em seguida, comecei a indagá-la sobre quem eram essas pessoas. Quando perguntei quem era a pessoa mais alta, ela disse:

- É você, tia.

E por fim:

- Quem era a menor?

Ela disse que era ela. Sem mais perguntas, já estava dobrando a folha novamente, quando ela disse:

- E essa é a Ana.

Surpresa, rapidamente, verifiquei a folha novamente e, ao

forçar a visão, percebi que, quase como uma sombra, havia mais uma pessoa desenhada. Respondi:

- Legal.

Guardei a folha e voltei às atividades que estavam sendo aplicadas. Mas continuava me perguntando: afinal, quem é Ana?

Quando estava esquecendo a Ana, iniciei meu estágio no ensino fundamental I, na mesma escola do infantil. Portanto, a maioria dos alunos eu conhecia. A supervisora pedagógica, sempre muito receptiva, se propôs a nos levar de sala em sala para nos apresentar ou reapresentar aos alunos e professores.

Ao entrarmos nas salas, os alunos que já nos conheciam iam à loucura, pois estavam sem professor de educação física desde ano anterior, por conta do corte de gastos da prefeitura. A supervisora falava que íamos dar algumas aulas e desafiava os alunos a recordarem nossos nomes. Foi uma comédia vê-los tentando lembrar os nomes dos meus amigos. O meu, já eram risadas certas.

Quando a supervisora perguntou:

- E o dessa tia, vocês lembram?

Em uma determinada sala, alguns alunos até massageavam a cabeça, num esforço de lembrar. Outros falavam o que vinha à mente. Podia ser Patrícia, ou Cristina, ou qualquer outro. A supervisora tentou ajudar, dizendo, o nome dela é com L. Um coro, então, já respondeu Sandra; ou seja, saiu de tudo, menos Lorrana. Quando achei que não podia piorar, alguns disseram, Ana.

- É Ana, tia Aninha!

Não sei se foi pela minha cara de desespero, mas a supervisora disse que não era.

- Mas as Anas dessa sala tem um segundo nome, que é com L. Vamos ver se é esse.

As crianças, rapidamente, em coro:

- Lanas.

Disse meu nome para acabar com aquilo. E só pensava:

- Afinal, quem é Ana?

# E esse dedo aí?

Lorrانيا Miranda Nogueira

Após meses de observação, estudos e planejamentos, o dia tão esperado chegou. Era o início da intervenção de lutas, no estágio do ensino fundamental II. Antes de continuar a história, gostaria de ressaltar que meu companheiro de intervenção é considerado, pela maioria dos nossos colegas de sala, – para não dizer por todos – uma pessoa calma, controlada, com tom de voz baixo.

Para a primeira aula, planejamos que, juntamente com os alunos, a partir do uso de imagens, construiríamos os conceitos de lutas e brigas. No período da manhã, aplicamos a aula para duas turmas do PROETI (Projeto Escola de Tempo Integral) e tudo ocorreu como planejado; com o único imprevisto da demora em montar o retroprojetor.

No período da tarde, a aula seria com o famoso 6º C que, nas palavras de uma colega com atuação na turma no mês anterior, “não é de Deus”. Tudo ocorria normalmente. Quando meu companheiro explicava as regras de ouro dos jogos de oposição, percebi que um aluno, bem à nossa frente, estava mostrando o dedo do meio para meu companheiro, mas, para disfarçar, agia como se estivesse coçando as sobrancelhas. Disfarcei e fingi que não vi, afinal, esse aluno gostava de chamar a atenção, com brincadeiras em momentos inapropriados. Passado alguns minutos, o aluno continuava fazendo o gesto. Meu companheiro, então, subitamente, interrompeu sua explicação e gritou:

- E esse dedo aí?

O menino ficou assustado e, realmente começou a coçar as sobrancelhas. Gesto que foi repetido por toda a turma. A alegação do menino era de que estava apenas coçando as sobrancelhas. E meu companheiro, por várias vezes, repetia a pergunta:

- E esse dedo aí?

E o menino, por sua vez, prosseguia com a mesma resposta.

Após alguns minutos, meu companheiro acalmou-se, respirou, e em seu natural tom de voz baixo, disse:

- Onde estava?

E continuou a aula tranquilamente.

# Meu verdadeiro lugar

Dayvid Celso Silva Oliveira

Final do ano de 2010. Havia acabado de concluir o ensino médio, porém, como muitos, não sabia o que fazer dali em diante. Sentia falta de um norte para me orientar, um rumo para tomar.

Esse momento era assustador. Não gostaria, novamente, de ir a um lugar onde não conhecesse ninguém. No início do ensino médio havia sido assim. Era muito envergonhado e tinha medo de não conseguir me entrosar. Depois de muita reflexão, lembrei que meu melhor amigo, meio ano atrás, havia se mudado para uma cidade a duzentos quilômetros de onde morávamos. Pensei que essa poderia ser a saída.

Pesquisei sobre a instituição que lá existia e gostei. Meu amigo, que estudava lá, me falou muito bem, mencionando haver muitas coisas que eu amaria. Foi assim que resolvi prestar vestibular para engenharia agrônômica, o único curso superior oferecido naquele momento.

Muito determinado a ir para aquela cidade, me inscrevi no vestibular e fui fazer a prova. Para minha felicidade, ao conferir o resultado, ali estava “Marcos Silva - APROVADO”. Várias pessoas me questionaram:

-Nossa, mas você vai mesmo fazer engenharia agrônômica?

Eu então respondia:

-Claro. Qual o problema? Não é porque sou gay, que não posso fazer o que quiser.

E quase todos retrucavam com risadas.

E lá fui eu, muito determinado. Porém, já no primeiro dia de aula, me assustei. Sem conhecer muito bem os “costumes” locais, fui para a aula, como me vestia usualmente. Tinha sido atleta de voleibol e era comum que eu usasse short curto, camiseta e tênis esportivo. E esse foi meu primeiro choque. Todos meus colegas se vestiam do mesmo modo. O chapéu maior que o corpo deles, a camisa tinha mais listras que uma zebra e a calça era “mais justa que Jesus”. Nunca havia

me sentido tão alienígena. Todos me olhavam como se algo estivesse errado em mim. Tentei não me abalar e me adaptar àquilo. Com medo de sofrer algum preconceito, comecei a esconder a minha verdadeira realidade. Como era difícil!

Depois de algum tempo, notava alguns comentários estranhos a meu respeito. Os alunos riam quando eu passava. Eu mesmo tentava me consolar, me autojustificando e imaginando que os gracejos fossem, por exemplo, pelo meu tipo físico – loiro, alto, meio desengonçado. No fundo, porém, sabia que não era isso; havia outros homens altos lá, que não sofriam o mesmo preconceito. Fui percebendo que não estava mais conseguindo esconder o que eu realmente era. Eu já não estava suportando aquilo.

Foi quando resolvi contar a verdade para duas amigas da sala. Depois de muito enrolar, falei: “sou gay”. Elas me entenderam e me apoiaram; o que me fez me sentir melhor por um tempo. Porém, um certo dia, estávamos fazendo uma prova, quando meu celular começou a tocar - e a música do toque era de uma cantora internacional. Alguns alunos ensaiaram o início de uma vaia, que foi acalmada pelo professor, rapidamente. O episódio me fez perceber que ali não era meu lugar. Parei de frequentar a faculdade.

Porém, eu não ia desistir do meu sonho. Como sempre fui ligado ao esporte e naquela cidade havia uma faculdade de Educação Física, não fui embora. Consegui um bico de técnico de voleibol e fui mantendo, com a ajuda da minha família – que não sabia que eu tinha largado o curso – para, no fim do ano, fazer o vestibular. E continuei estudando, por minha conta.

Um dia antes do vestibular, as meninas que treinava foram campeãs de um torneio. Por isso, depois do jogo, eu e todas elas fomos para casa de uma delas comemorar. E bebemos muito, bebemos todas! Fui embora à noite, para dormir, descansar um pouco e me concentrar para a prova que faria no dia seguinte.

O grande dia chegou. Peguei lápis, borracha, caneta preta e fui. Fiz a prova e a redação. Saindo de lá, lembrei de que não havia colocado título na redação! Fiquei desesperado e com medo de não passar. Foi

quando um amigo, que estava comigo, disse:

- Isso que dá fazer prova de ressaca!

Fique muito triste e decepcionado comigo mesmo.

Quando chegou o dia do resultado, fui logo olhando de baixo para cima, para ver se encontrava meu nome. E nada! Estava tenso. Foi quando notei que, ao olhar o topo da lista, vi, no primeiro lugar, o meu nome. Não acreditei no que estava vendo. A felicidade mais uma vez me consumia.

Mais uma vez, lá fui eu. Dessa vez, contudo, em busca de um sonho e de ser eu mesmo. Cheguei à faculdade, vi que as pessoas eram como eu e, como diz uma professora de lá, existem várias pessoas da minha espécie. Aqui, as pessoas têm mente aberta e o preconceito quase não existe. Foi assim que eu percebi que aqui era o **“MEU VERDADEIRO LUGAR”**.



# Lápis cor de pele!

Brígida Carvalho Felipe

Foi uma daquelas terríveis semanas em que você está gripada, perdendo momentos, alegrias, olhares e qualquer som produzido pelos pequenos. Após melhorar, pude retornar à escola e, como estava meio sem forças ainda, me dediquei a escutar as crianças.

Estávamos fazendo desenhos, que juntaríamos e transformaríamos em uma cartilha. Aquele dia era o momento de ilustrar os desenhos. A pequena Nay, depois de pintar um desenho, aliás, repintá-lo, veio até a caixa de lápis de cores, que ficava perto da mesa, e falou:

- Prô, cadê o lápis cor de pele?

Antes mesmo que eu pudesse responder, num organizado grupo, que já estava em volta dela, gritando, Solfi falou:

- As peles são diferentes!

Bre atacou:

- Fica perto de mim. Tá vendo, a nossa pele é diferente!

Manu falou alto:

- Minha pele não é dessa cor. Essa cor é feia pra uma pele!

– Ela gritava, sobre o lápis que a amiga trazia nas mãos.

E assim, passaram um tempão, olhando e comparando peles e cores, para depois terminar a atividade.

Quase no final da aula, a Ni retoma a conversa, só comigo:

- Prô, você é preta, mas não parece com esse lápis!

Falei que era negra e que nenhum lápis tinha a minha cor, ou de outra pessoa negra. Depois, ela pegou o lápis branco, deixou junto a sua pele e falou:

- Mas a minha pele também não é dessa cor, e eu sou branca, e nem da cor da Ju. Vi porque nós já fizemos o teste.

Com uma expressão de preocupação falou:

- E agora, como a gente vai pintar a nossa pele?

# Nada pessoal

Naldleid Aparecida Reis

A escola em que cursei o ensino fundamental e médio era uma boa escola, com ensino de qualidade. Eu gostava das aulas, dos professores, dos meus colegas; tinha boas notas. Apenas uma coisa me incomodava: as aulas de educação física.

Aulas chatas? Perda de tempo? Professor ruim?

Não!

Eu simplesmente não podia participar. E então, me questionava:

Porque não?

Sei lá!!!

Todos os dias da tão esperada aula de Educação Física, às 9 da manhã, a maioria dos alunos da sala – de tênis e roupas apropriadas – era chamada à quadra do colégio.

-E nós, professora?

-Vocês estão dispensados, pois são da zona rural.

-Ah, tá!!!

E lá íamos nós, da zona rural, como éramos chamados, ficar do lado de fora do colégio vendo, pelos buracos do muro, nossos colegas da zona urbana praticando educação física. Não participávamos, mas assistíamos tudo. Aliás, o ônibus nos levaria de volta para casa, no horário de sempre, 11h30.

Chegava, então, o aniversário da cidade e, como de costume, haveria desfiles. A maioria das escolas desfilava para homenagear a cidade. Assim, logo começava o ensaio da fanfarra e seus lindos porta-bandeiras e balizas para lá e para cá, se preparando. Nós, da zona rural, estudando ou sentados, do lado de fora do colégio, esperando chegar 11h30, para irmos para casa.

Foi então que decidi falar com a diretora. E fui.

- Diretora, quero participar das aulas de educação física e ser uma porta-bandeira ou baliza.

A resposta foi imediata:

- Você é da zona rural, querida. Não precisa participar. E quanto a ser porta-bandeira ou baliza, não acha que está um pouquinho acima do peso e não tem altura suficiente?

Logo respondi:

- É, posso até estar acima do peso. Se me deixar fazer as aulas, posso emagrecer e, assim, parecer mais alta. Aí, a senhora me deixa ser?

Ela me olhou novamente, desta vez pensou por alguns segundos, e me respondeu, desviando o assunto:

-Vou disponibilizar algumas fantasias. Vocês se organizam como um bloco e desfilam também, ok?!

- Ok!

Antes disso do que nada. Eu precisava saber como era sair pelo meio da rua, com todos me olhando, em um dia especial. Minha família, da zona rural, ficaria orgulhosa, não é?

Sim. E nos organizamos com o que nos foi disponibilizado. As professoras nos ajudaram a nos vestir e nos organizar na avenida. Não sabia do que se tratavam aquelas fantasias, mas eram bem coloridas.

E lá estava eu, desfilando e me “sentindo”. Com um vestido bem curto, vermelho e brilhante – tipo cetim, cheio de babados e rendas – uma meia três quartos, luvas nas mãos – ambos na cor vermelha – maquiagem forte e, na cabeça, uma tiara preta cheia de adereços. Meu irmão me deu um tchau, com uma cara estranha, e me acompanhou até o final do desfile, quando veio ao meu encontro a diretora, perguntando qual era a minha fantasia. Segundo ela, de prostituta.

As zombarias me acompanharam por longo tempo, no colégio. Pra dizer a verdade, até hoje não sei o que dizer daquilo tudo. A única coisa que sei é que a filha da diretora – de 1,50m e uns 90 quilos estava lá, de porta bandeira. Realmente, não devia ser nada pessoal!

# Pastor ladrão

Lucas Vieira Gomes

O fato de eu ser o filho do pastor nunca foi a característica que marcou minha presença nos lugares. Pelo contrário, sempre usei o esporte como uma porta de entrada, nas várias cidades onde já moramos. Por causa dele sempre criei grandes amizades, muitas, aliás, guardo até hoje.

Mas como o esporte é sempre muito espontâneo e imprevisível, não posso esquecer de quando era pequeno, na pacata cidade de Campestre, onde os campeonatos municipais de futsal e futebol de campo eram o ponto máximo de encontro. Meu pai, além de pastor, era conhecido por todos como um dos árbitros desses campeonatos.

Obviamente, sempre existem erros e acertos nas arbitragens. E muito deles, para a torcida, são considerados roubos. Quando o erro é a favor do seu time, a torcida não discute; mas, se for contra, sempre foi roubado. Conhecendo esses torcedores revoltados com todo e qualquer tipo de arbitragem – e que sempre vão falar mal do árbitro ou da mãe dele – eu, que sempre fui aos jogos com meu pai, ouvia:

- “Ouuuu, passstorrrr ladraaaaa! A barriga está atrapalhando, né?”

Logo, outros torcedores diziam:

- “Ouuu, olha o filho dele aí”!

O que nem sempre resolvia muito. Na maioria das vezes me diziam:

- “Manda seu pai olhar direito”.

E minha avozinha, coitada... É, vamos deixar isso para próxima.

# Se não for para ajudar, também não atrapalha!

Mônica Rosana de Andrade

Era mais uma linda e alegre manhã de estágio na educação infantil, obrigatório no quarto período do curso de Educação Física. Aquele dia parecia, todavia, ter algo diferente; tudo parecia calmo. Mas, logo, aquele sossego cessou; afinal, começava o intervalo dos “anjinhos”.

E eu sempre procurava interagir com as crianças, brincando de roda, de bola, ou apenas conversando com elas. Iniciei, então, uma conversa com uma garotinha de cinco anos, muito conhecida, na creche, pelo seu mau comportamento; motivado, a princípio, por sua condição social e “estrutura familiar”.

Conversa vai, conversa vem e, ela, do nada, diz:

– Tia, sabia que eu sou uma piriguete?

Espantada com aquilo, pensei um pouco e perguntei:

– Mas você sabe o que é piriguete?

E ela respondeu, sem rodeios:

– É quem usa roupa curta e rebola!

Minha colega de estágio, espantada, disse a ela:

– Mas você é uma princesa, não uma piriguete.

E sua resposta seguinte me assombrou tanto quanto, ou mais, que a primeira fala da garota. Ela disse:

– Mas tal pessoa disse que eu parecia uma piriguete.

Fiquei de boca aberta, ao saber que a pessoa que estava colocando minhocas na cabeça de uma inocente criança era alguém que estava naquele lugar, na mesma posição que a minha; ou seja, um estagiário. Ele, com sua postura e comentários indevidos, acaba por criar preconceitos e, dificilmente, terá o respeito dos alunos. Deixe a garota, sem moralismos, andar pelos corredores da escola, rebolando e sendo feliz.

# Custos e recompensas

Lucas Vieira Gomes

Antes mesmo de entrar no curso de Educação Física, uma das áreas de atuação que sempre me chamou a atenção foi o ensino infantil. Acredito ser possível um mundo melhor, e que o primeiro passo para alcançá-lo é a educação das crianças. Lógico que a criança – por sua espontaneidade, carisma e fôlego interminável – torna a aula bem mais cansativa para o professor. Por outro lado, a criança também nos dá a maior e melhor recompensa. Sua sinceridade e pureza fazem com que um sorriso, ou um mega e carinhoso abraço no professor sejam as melhores e mais calorosas coisas do mundo.

No segundo período do curso de Educação Física, minha turma teve a oportunidade de ministrar uma aula aos alunos da educação infantil da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), em uma pequena cidade de Minas Gerais. Estava ansioso!

Ao chegarmos, nos deparamos com um menino que, aparentemente, era um garoto sem nenhuma deficiência física ou intelectual notória. Contudo, no decorrer da aula, percebemos que havia ali, sérios problemas de sociabilidade. Ele ficava sempre quieto, no seu canto, com a feição muito fechada. Não permitia que ninguém se aproximasse.

Resolvi perguntar à professora se havia um motivo para aquela postura do garoto; se algo havia acontecido naquele dia. Para a minha surpresa, ele estava ali há pouco tempo, e o que se sabia é que havia sofrido abuso em casa. Em função disso, tinha uma dificuldade enorme de socialização.

Vários sentimentos tomaram conta de mim. Fiquei pensando como alguém poderia fazer algo do tipo, ainda mais com um familiar. Fiquei pensando que agora, mais do que nunca, queria ver esse menino saindo do seu cantinho.

Foram várias tentativas, em muitas e longas conversas. Até que houve o momento em que, enfim, consegui tirar daquele rosto um sorriso. Percebi que, depois de pouco tempo, ele já realizava atividades, normalmente, junto com os colegas. Quando fomos nos despedir da turma da APAE, o garoto pediu que eu ficasse. Quase explodi de emoção e satisfação. Realmente, a educação é a melhor recompensa que posso ter!

# As Filas

Nayara Priscila da Paixão

Eu lembro de quando estudava em uma escola da rede municipal de um pequeno município de Minas Gerais, no nível de ensino que chamamos hoje de Ensino Infantil e Fundamental I. A escola era ampla, tinha o chão de terra vermelha e enormes barrancos, onde ficávamos escorregando.

As aulas de educação física eram as preferidas! Os meninos saíam da sala com os “tios” – os estagiários de Educação Física – para jogar bola, e nós, meninas, ficávamos dentro da sala com a professora, junto com as estagiárias; aprendendo alguns passos de dança. Essa foi a rotina durante todos os anos em que estudei naquela escola.

Na época, nenhum aluno questionava esta “separação” entre meninos e meninas nas aulas. Eu lembro do único acontecimento na aula de educação física que envolveu a todos os alunos. Foi um campeonato denominado “Verde e Amarelo”, no qual os meninos jogavam bola e as meninas no papel da torcida, com bandeirinhas nas mãos. Para nós, isso era normal. Até nas filas para lanche, passeios e para escovar os dentes, nós éramos todos separados por gênero, de modo que foi se tornando algo “natural”, presente na nossa rotina escolar.

Os anos se passaram e volto na mesma escola, agora como estagiária de Educação Física, realizando o meu primeiro estágio no ensino infantil. Para minha surpresa, percebi algumas coisas! Os barrancos ainda continuam divertindo a criançada, que os utiliza como escorregador. Ainda restam alguns destroços de um banco de cimento, que ficava debaixo de uma grande árvore. Agora há uma quadra que não é excelente, mas já é um grande avanço. Mas ainda faltavam professor e materiais para as aulas de educação física. Meninos e meninas pareciam brincar juntos no recreio, mas uma vez que o comando “formar fila” é dito, automaticamente eles se separam. O gesto parece já estar totalmente incorporado por eles!

Eu também tive a oportunidade de realizar o meu estágio do ensino infantil em uma escola particular, e pude perceber nítidas diferenças no espaço, nos materiais, mas, principalmente, na separação por gênero e nas filas, que nem existiam!

Particularmente, eu gostei do meu estágio em ambas as escolas. As professoras e diretoras tentaram nos auxiliar no que precisássemos, mas a questão da separação por gênero que acontecia nas filas da escola pública na qual eu estudei, me incomodou. Não somente por agora eu ter outra visão sobre a questão de gênero, mas pelo fato de continuarem ensinando o mesmo gesto aos alunos por tantos anos! Será que continuam ensinando a reproduzir o mesmo gesto por falta de conhecimento e informação sobre este tema? Por comodismo, talvez? Esta é minha dúvida e, sinceramente, gostaria de uma resposta. Quem sabe, em uma próxima visita!



# Como é bom ser criança

Brígida Carvalho Felipe

Era um dia de intervenção normal do PIBID em uma das escolas do ensino infantil do Sul de Minas Gerais. O grupo estava encaminhando para a última turma e os alunos tinham seis anos. Estávamos na porta, esperando que a professora permitisse nossa entrada.

Ao lado da sala, existia outra turma, que também estava em aula. De repente, duas meninas passaram na frente da porta, bateram e saíram correndo. A professora, que estava dando aula, saiu da sala, com uma cara brava. A feição dela foi tão brava que assustou inclusive a mim. Foi tudo muito rápido. Fiz uma cara inocente, apontei para as meninas que ainda estavam correndo e disse:

- Foram elas!

Fiz isso antes mesmo que a professora dissesse qualquer coisa. Ela só deu um sorriso, “sem graça”, e fechou a porta novamente.

Nessa hora, minha colega de grupo, no projeto, já estava “rosa” de tanto rir. Também achei engraçada a situação. Comecei a rir e lembrei das várias vezes em que já fiz isso. Então, pensei:

- Ah, como é bom ser criança!

# A Pombagira

Raquel da Silva Barroso

Em um dia normal de observação, em uma escola municipal da cidade de Muzambinho, ocorreu algo muito inesperado. Como sempre, eu passava nas mesas pra conversar com as crianças e perguntar algumas coisas pertinentes ao assunto em estudo: gênero e sexualidade. Porém, neste dia, eu fui chamada por uma aluna, de cinco anos, que gostaria de contar algo.

Logo que me aproximei da mesa onde estava, ela disse:

- Tia, sabia que eu dei um nome para minha irmã?

Inocentemente, eu logo pensei que a irmã a quem ela deu nome havia acabado de nascer. Por isso, perguntei que nome ela havia dado à irmã. Sem titubear, ela me respondeu:

- Pombagira!

Fiquei chocada.

Apesar de muito preocupada e assustada com tal nome, tentei me tranquilizar – para não assustar as crianças – e perguntei o porquê do nome. Afinal, com aquela idade, ela não deveria saber o significado da palavra. Ela me respondeu:

- Porque ela vive atrás de homem, tia.

Com isso, percebi que a irmã não havia acabado de nascer; então, perguntei quantos anos ela tinha. Descobri que eram dezoito.

Em pânico, queria mudar o rumo da conversa, antes que as outras crianças perguntassem o que era a pombagira. Existem muitos livros que nos ajudam a pensar como tematizar o conhecimento nas aulas de educação física, mas nenhum nos diz o que fazer numa hora dessas. Se elas me perguntassem, o que eu responderia para crianças de cinco anos? Para mudar o rumo da história, comecei a indagá-las sobre o que elas tinham feito na semana, e o que estavam fazendo com a massinha que a professora havia entregue.

Mas foi um episódio que me deixou muito curiosa, trazendo a percepção clara de como as crianças aprendem rápido. Tudo o que falamos, elas ouvem, refletem e apropriam. E, assim, as crianças vão se constituindo enquanto sujeitos nesse mundo, se apossando e ressignificando todo tipo de conhecimento, até mesmo o da pombagira.

# Brinco na língua

Hyngreedy Priscila Silva

Uma amiga de turma começou a fazer o estágio do ensino infantil antes de mim. Ela tem uma tatuagem na perna e, num dia de aula, apareceu de bermuda, com a tatuagem podendo ser vista. Então, uma das crianças chegou dizendo:

- Tia, você tem tatuagem?

Ela respondeu que sim.

No outro dia, a mesma criança apareceu na aula, com o braço cheio de tatuagens de chiclete. Mostrou para a minha amiga e disse:

- Olha tia! Estou igual a você agora!

Foi algo que ficou registrado na minha memória.

Em um dia normal de observação, na mesma escola, eu estava em sala, com as crianças, quando uma das alunas chegou para conversar. Nesse momento, ela observou uma coisa que poucos sabem; eu tenho um piercing na língua. Então, fez uma pergunta:

- Tia, que isso na sua boca?

Eu perguntei, pois tinha me esquecido do piercing:

- O quê?

E ela retrucou:

-Tia, você tem um brinco na língua?

No mesmo momento, lembrei do piercing. Insisti, dizendo que não, mas a aluna foi persistente:

- Mas tia, tem uma bolinha de ferro na sua língua. Me deixa ver?

Eu, com um certo “jogo de cintura”, mudei de assunto, e consegui fazê-la esquecer. Fiquei com isso na cabeça, pensando sobre a história que tinha ouvido.

No outro dia, voltei para o estágio. Entrei na sala novamente, mas sem o piercing. Fui recebida pela mesma aluna, dizendo:

-Abre a boca, para eu ver!

Eu abri. Não havia absolutamente nada. Com a maior cara de espanto, ela deu um passo para trás, colocou a mão no rosto, e disse:

-Hã! Cadê?

Eu falei:

-Cadê o quê?

Ela:

-A bolinha! Seu brinco da língua!

Eu:

-Uai, não tem nada!

Ela:

-Tia, você tinha um brinco na língua, sim! Você tirou, né?

Eu apenas ri e mudei de assunto!

Depois de tudo isso, fiquei pensando. A situação de minha amiga era a tatuagem. A aluna colocou tatuagem de chiclete porque há essa possibilidade. Mas, e na minha situação, a aluna me viu com um ferri-nho na boca (que ela diz ser brinco). Se ela quisesse me imitar e colocar? Imaginei a criança, de quatro anos, chegando com um prego na língua. Como ficaria minha cabeça? Como eu me sentiria? Como eu agiria?

Então, achei melhor tirá-lo antes de ir para o estágio, pois entendo que as crianças se inspiram em seus professores, em alguém mais velho. Nesse caso, era melhor evitar o aparecimento de uma criança com um prego na língua; como pibidiana, sou um exemplo para elas.

# Ensaboando a rotina

Erik Vinicius de Orlando Dopp

Era mais uma manhã de estágio na escola de ensino fundamental. Como acontecia sempre, eu e meus colegas, ao chegar, fomos diretamente à quadra da escola, para encontrar a professora e pegar a chave da sala de materiais. Quando voltamos, a turma que teria a aula já estava na quadra, fazendo uma atividade proposta pela professora. Quando entramos em quadra, paramos a atividade, não propositalmente, mas pelo alvoroço que causamos nos alunos, atrapalhando a aula. Aliás, não é sempre que quatro estagiários saem de uma sala carregando dois baldes, com água e sabonetes.

Foram inevitáveis as brincadeiras do tipo:

- “Vocês vão nos ensinar a tomar banho hoje?”

- “Estou cheirando tão mal assim? Olha que ainda é de manhã!”.

Terminada a sessão de piadinhas, pedimos que as crianças sentassem para explicarmos como seriam as atividades. Foram inúmeras as questões em torno do que significavam e para que seriam usados os baldes com água e sabonete.

Passado algum tempo, foi possível explicar a atividade. Seria um jogo de handebol com sabonete. As crianças adoraram, ainda mais sabendo que teriam que mexer com água. Afinal, não há criança que discorde em fazer isso. Ao final, ouvimos diversos elogios sobre a aula; tanto por parte dos alunos, quanto por parte dos próprios professores e funcionários da escola.

A mesma atividade foi aplicada em três salas de 5º ano e duas de 3º ano, e diríamos que não deixamos apenas o pátio da escola cheirando a sabonete. Ficou, também, uma marca nossa naquela escola, na memória dos alunos, professores, funcionários e até mesmo da diretora. E, assim, terminamos nossa docência satisfeitos em saber que, por menor ou maior que seja, um pedacinho de nós acabou ficando naquele lugar.

# Fazer isso? Impossível!!!

Erik Vinicius de Orlando Dopp

Seria apenas mais um dia normal, não fosse o momento do nosso primeiro contato com as turmas que trabalharíamos, com o PIBID, no ensino fundamental. Era uma manhã bem convencional para a cidade, de frio e chuva. Eu e meu colega fomos aplicar o primeiro questionário às turmas escolhidas para participar do programa: o 9ºB, 8ºB e 7ºB.

Ao chegarmos à sala, os alunos já se animavam e perguntavam se a aula de educação física havia mudado de dia. Acalmávamos a turma, dizendo que não; apenas estávamos lá para aplicação de um questionário sobre os temas que iríamos abordar – o futebol e a ginástica rítmica – e queríamos dimensionar os conhecimentos deles sobre o assunto. Na entrega dos questionários, fomos explicando o que seria feito e como funcionariam as aulas, a partir daquele dia. Algumas perguntas também foram feitas por parte dos alunos, acompanhadas com caras de espanto:

- “O professor Rogério vai parar de dar aula?”
- “Vai valer nota essa prova?”
- “Eu tenho que responder o quê?”
- O que eu acho ou o que vocês querem ouvir?”

Essas e muitas outras e, nós, sempre buscando uma forma mais simples de explicar.

E assim foi. No 7º ano, no 8º ano e, quando chegamos ao 9º ano, a última sala, entramos e havia um silêncio impressionante. Aquela não era uma das salas mais quietas. Depois de termos dado as mesmas explicações, quando se aproximava a hora de sairmos, um aluno se levantou e veio conversar comigo.

- Como serão as aulas que vocês vão dar pra gente? Todo mundo vai fazer junto?

- Sim, não vamos separar ninguém. Independente de ser futebol ou ginástica, vamos fazer juntos.

-Ahh ... Mas então acho que vou fazer só a aula de futebol. É bom deixar a ginástica para as meninas.

Curioso com o comentário, perguntei o porquê.

- A ginástica pode machucar! Acho que não vou fazer não!

Expliquei, então, que não haveria esse perigo, pois trabalharíamos com movimentos e não acrobacias, como fazem em Olimpíadas. Disse, também, que pra chegar aquele nível, seria preciso anos de prática.

-Mas mesmo assim. Tem movimentos que só as meninas poderiam fazer!

Continuei:

- Que movimento você acha que uma menina pode fazer e um menino não?

-Abrir as pernas daquele jeito. É impossível!

Disse que não. E ainda perguntei por que aquele movimento machucaria.

- Olha, se uma menina abrir a pena daquele jeito pode machucar, imagina um menino, que tem algumas coisas a mais lá embaixo. Como é que faz? Não dá!

Os alunos ao lado caíram na gargalhada e apoiaram a ideia do estudante questionador, que entrou para a sala, assim que chamado pela professora.

No outro dia, quando começaríamos a prática, foram mostrados alguns vídeos aos alunos, incluindo um de ginástica rítmica masculina; envolvendo movimentos, expressão e a tal comentada abertura do último encontro. Reparei bem durante o vídeo, o aluno que dissera aquilo no dia anterior.

Ao final, veio ele novamente conversar comigo.

- Então. Estava vendo o vídeo e achei bem interessante!

- Te disse que era, normal ... Sossegado... E aí, vai topar fazer a aula?

-Ahh ... Acho que vou sim. Vou fazer o possível para conseguir, Mas já vou deixar bem claro, é bom que tenha uma ambulância aqui na porta, para o pior dos casos.

E, novamente, nosso assunto acabou com gargalhadas e o sinal para a troca de aulas.



# “Tudo mudou”

Cristiane Aparecida Pereira

O dia começou cinzento e frio. Contudo, lá estava eu, acordando com a cara toda amassada e de mau humor. Afinal, acordar às 06h30 da manhã não é legal. Correndo para não chegar atrasada ao estágio, na escola onde passei parte da minha infância, às vezes, me pegava olhando os lugares e relembrando momentos passados ali. Incrível como tudo mudou muito.

Mudaram as professoras, mudou o lanche do intervalo, que antes era a merenda do recreio. O local que, agora, abriga a quadra, era apenas um pátio com um parquinho abandonado. Um barranco que servia de escorregador hoje é arquibancada da quadra. Naquela rampa, ficavam os chuchuzeiros, que fantasiávamos serem casinhas, nas quais brincávamos de bonecas, enquanto os meninos brincavam de bola, no pátio central da escola.

A aula, naquele dia, começava com alunos eufóricos. Afinal, as aulas de educação física para o 2º ano do fundamental I eram uma verdadeira festa. O professor supervisor de estágio organizava os alunos para a chamada; todos sentados, praticamente estáticos.

Logo, fui observando algumas características da sala. Tinha, em sua maioria, meninas, e um pequeno grupo delas pedia que os outros alunos ficassem quietos. Em seguida, o professor expunha as atividades de aula daquele dia; que eram, pular corda individual para todos, pular corda em “reloginho” para meninas e cabo de guerra para os meninos. Logo, ouvi um murmúrio de reclamações, mas eram tão baixinhas, que não conseguia ouvir, apenas observei que vinham das meninas.

A aula continuou. Eu fiquei responsável pelo cabo de guerra com os meninos. E o professor, com o relóginho de pular corda, das meninas. Terminada as duas atividades, o professor entregou a corda para as meninas, que foram orientadas a pular no cantinho, e a bola

para os meninos. Estes ficaram com a quadra para jogar futebol. Foi quando vi as meninas se organizando, falando baixinho uma com as outras. Então, elas chegaram até o professor, dizendo:

- Professor, queremos jogar futebol.

O professor, espantado, olhou para as alunas e disse:

- Futebol não é “coisa” de meninas. Vão pular corda!

Acreditando que estas acatariam a ordem, o professor virou as costas.

Foi quando uma das alunas, acompanhada das coleguinhas, cutucou o professor e afirmou:

- Quem te disse isso, professor. Você está velho! Meninas jogam futebol, sim. Minha prima joga, minha irmã joga. Já até vi na TV, que mulheres jogam.

O professor, sem muito que dizer, com um sorriso no rosto, disse:

- Na próxima aula vocês jogam futebol.

Realmente, muita coisa mudou no popular “Grupo de baixo”, assim como a estrutura da escola mudou aos poucos. Será que jogar bola no pátio central, que hoje representa a quadra, já não é mais privilégio dos meninos?

# Quem ensina quem?

Rodrigo Granado Rueda

Esta aula aconteceu em uma escola municipal de ensino infantil da cidade de Muzambinho. De acordo com nosso cronograma, o objetivo da aula era ensinar e deixar os alunos vivenciarem algumas práticas corporais, mais especificamente as atividades circenses. Resolvemos, então, passar algumas técnicas de acrobacia de solo e portagem para os alunos, iniciando com o movimento do rolamento (ou cambalhota, para as crianças). Colocamos alguns colchonetes no local, para garantir a segurança da atividade e os separamos em duas filas, que ficavam não muito distantes de nós.

A ideia da atividade era que, um por vez, os alunos viessem até bem próximo do colchão e realizassem o movimento do rolamento, a partir do nosso auxílio e com nossos comandos. Tudo ia bem, até que algo inesperado aconteceu.

Logo da fila, um garoto gritou:

- “Tio, deixa. Eu faço sozinho”.

E saiu correndo na direção dos colchões.

Ouvindo isso, não tive muito tempo para reagir. Fiquei mais atento e não me afastei muito, a fim de garantir a segurança dele, caso algo desse errado. Para mim, a chance disso acontecer parecia muito alta. De repente, o menino dá um salto mortal, para frente, e sai todo feliz brincando, como se nada tivesse acontecido.

Fiquei bastante surpreso, mas, ao olhar para trás, vi que meus companheiros de grupo tinham ficado ainda mais. Alguns ficaram espantados com o que viram e, então, ouvi a brilhante frase:

- “Uai, esse menino sabe mais do que eu. Ele é quem deveria estar me ensinando”.

Com exceção desse episódio, a aula rendeu o esperado e conseguimos trabalhar bem nosso objetivo.

# Certezas e incertezas

Naldleid Aparecida Reis

A única certeza de um professor, quando chega à escola, é a aula e o conteúdo que planeja aplicar. O desenvolvimento, os resultados e alcance ou não do objetivo, são fatores impossíveis de se prever de forma exata. Todos os dias, alguma coisa acontece. Sempre algo que contribuirá para minha aprendizagem, seja numa aula com sucesso, ou naquela que não correu bem, com nada dando certo. De todas as coisas que aconteceram comigo, relatarei uma que achei bem interessante.

Num dia de finalização da intervenção pedagógica do PIBID, na escola em que eu estava atuando, deparei-me com uma situação que trouxe motivos para refletir. Naquela escola, conhecia praticamente todos os alunos das turmas com as quais trabalhava. Entretanto, com grande parte dos outros alunos, não tinha tido contato. Como em todas as escolas, existem sempre aqueles alunos considerados os mais difíceis de lidar. Os mais rebeldes, os que dão mais trabalho para o professor, principalmente, pela falta de respeito.

Naquele dia, tínhamos levado muitos objetos diferentes, que foram apresentados às turmas, sendo uma novidade para maioria. Colocamos os objetos num lugar onde os usaríamos e, logo, a curiosidade foi despertada naqueles alunos que, talvez, nunca tivessem visto tais objetos. Eles se aproximavam e olhavam curiosos.

Com medo de que algo desse errado, resolvi ficar ali, como uma sentinela, com a função de protegê-los. Na verdade, eu nem sabia do que ou de quem proteger, mas estava ali, protegendo. Afinal, um daqueles rebeldes meninos poderiam pegá-los e causar reboliço. Eu não sabia nem mesmo quem eram os tais rebeldes, não lembro se alguém teria me alertado quanto a eles, ou se os identifiquei em meio a tantas outras crianças; já que realmente estavam fazendo certa bagunça.

Nesse momento, dois deles se aproximaram. Eu pensei:

- “Pronto, pelo olhar e nariz empinado, devem ser eles os tais rebeldes”.

Como alguém pronto para guerra, já os encarei. Nem esperei que dissessem algo, e, logo, disse:

-Saíam de perto, não toquem, não é de vocês. Vocês são terríveis.

Eles me olharam, assustados; já que, provavelmente também não me conhecessem. Uniram-se, dois deles, e começaram a puxar os barbantes dos diabolôs que estavam ali. E eu tentava tirá-los das mãos deles.

Eu, na defesa, eles, no ataque, e vice-versa. Então, eu percebi que só piorava a situação, pois eu só os deixava mais nervosos e agitados. Eu nem sabia o porquê daquilo tudo. Por que eu fiquei logo em posição de guerra, esperando os “tais” alunos rebeldes que acabariam com tudo? Eram apenas dois meninos.

Como todo soldado, resolvi mudar a tática de defesa. Peguei um diabolô, para o qual eles tanto olhavam, querendo pegar de alguma forma. Fui até eles e falei em voz baixa:

- Mas, então, vocês nunca tiveram contato com este objeto?

- Não!

- Ah, então! É assim que funciona.

Manipulei o diabolô e entreguei a eles, dizendo:

- Pega ... tenta! Isso é um diabolô, mas fiquem perto de mim, ok?

Eles pegaram, se posicionaram, manipularam. Já “um pouco” mais calmos, brincando e rindo entre eles, logo me entregaram e disseram:

- Legal!

Eu continuei:

- Vi que vocês são bem espertos. Poderiam me ajudar a ficar aqui, perto dos materiais, para que não haja desordem? Eles não são nossos e temos que devolver todos lá na escola em que estudamos. Vocês podem me ajudar?

Eles se olharam e juntaram-se a mim, ficando ao meu lado. Para qualquer criança que chegasse ali, eles falavam:

- É deles e não pode estragar.

De uma sentinela, diante de duas possíveis ameaças, a três sentinelas e situação controlada com sucesso.

Pode até parecer um simples acontecimento, mas, de fato, levou-me a refletir:

- “Quem eram eles? Quem era eu, ali? Qual o meu papel? E se eu não resolvo mudar a tática, para alterar o olhar daqueles meninos sobre mim e o meu sobre eles? Será que iriam embora com raiva daquela tal professora, que não os deixou nem mesmo tocar num simples objeto? Será que eu iria embora, convicta do quanto aqueles meninos eram terríveis e reproduziria isto para os demais colegas, futuros professores, e por aí afora? E todos pensaríamos que aqueles meninos coitados, eram caso perdido, possíveis futuras ameaças para a sociedade?”. Lembrei-me das palavras do mestre Paulo Freire.

*A educação não transforma o mundo.*

*A educação muda as pessoas.*

*Pessoas mudam o mundo.*

*Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.*

# É só o começo...

Camila Silva Ribeiro

Entre diversos momentos memoráveis, atuando em sala de aula, como escolher o mais marcante?

Pois bem, acredito que uma situação especial me fez refletir sobre a importância do professor. Era dia de *highline* (*slackline*, longe do chão, no alto). Montamos um aparato de segurança, com corda de sustentação sobre a cabeça do aluno e cadeira de escalada conectada a essa corda, por um mosquetão.

No decorrer da aula, uma aluna colocou os aparatos de segurança, cheia de convicção, “eu vou andar nisso aí”. Mas, quando chega a vez de ela andar no *highline*, toda aquela certeza e coragem dão lugar a insegurança e medo.

- Professor, não vou andar nisso aí, não.

Eu, então, passo a tentar convencê-la:

- Não precisa ter medo. Aqui é igual ao *slackline*, que você andou antes, mas dessa vez, ele está no alto”.

Ela para, pensa por um instante e reconsidera. Começa, então, a andar pelo *highline* e faz o percurso com um certo medo de cair. Mas a vontade de andar na altura venceu o medo. Quando, ela termina de andar, na hora de descer, pergunto:

- Gostou?

Ela, prontamente, responde:

- Sim.

Essa experiência vem ao encontro da minha crença de que o professor precisa ser o intermediador de novas experiências para seus alunos, além de ajudar a gerar reflexões e ajudar a vencer obstáculos.

# O dia em que saí de casa

Aline Andrade dos Santos

No ano de 2008, quando eu cursava a 8º série do ensino fundamental, uma amiga me chamou para fazer o vestibular em uma instituição do interior de Minas, para cursar o ensino médio.

Chegando em casa, entrei na internet para conferir os cursos oferecidos naquela instituição. Havia o técnico em agropecuária e o técnico em informática, ambos integrados ao ensino médio. Fiquei tentada a ir, em função da vontade de morar em outra cidade.

Ao conversar com minha mãe, a resposta veio antes mesmo da explicação completa. Foi um solene “não”, porque eu tinha apenas 14 anos. O problema foi que a minha vontade de ir para lá aumentou com o não dela. Por isso, conversei com minha amiga e ela continuava me incentivando. Fiquei refletindo, por vários dias, e decidi prestar vestibular, mesmo assim, para o curso técnico em agropecuária.

Comuniquei à minha mãe que faria o vestibular. Ela não concordou, mas disse, também, que não iria me impedir. Mas eu tinha certeza de que ela ficou torcendo para que eu não passasse. Chegou o dia do vestibular. Um ônibus saiu da minha cidade, levando as pessoas que iriam fazer a prova. Eu achei um pouco difícil. Assim que terminei, voltei para casa, desanimada, por acreditar que não tinha conseguido a aprovação.

Voltando à rotina normal, na minha pequena cidade, todos os dias, minha mãe lembrava que o melhor era ficar em casa mesmo, porque eu era muito nova e não deveria morar sozinha com aquela idade.

No dia do resultado, eu já tinha aceitado que não seria aprovada. Por isso, nem ansiosa estava. Na verdade, sequer fui vê-lo. Contudo, logo minha amiga ligou, para me contar que tínhamos sido aprovadas.

Eu não poderia deixar de ir. Estava aprovada em uma instituição federal, uma oportunidade para não deixar passar. Entretanto, ainda



havia o desafio de convencer minha mãe. Lá fui eu, vencê-lo. Depois de uma longa conversa explicando e falando sobre tudo de positivo que aconteceria, ela ficou pensativa. Até parecia que me deixaria ir, mas eu nunca ouvi o esperado “sim” dela.

Arrumei minhas malas, fiz a matrícula. Poucos dias antes da mudança definitiva, meu coração apertou, mas, mesmo assim, me mantive firme. Quando falei pra todos que faria agropecuária, ninguém acreditava. Diziam que, em uma semana, ou no máximo um mês, eu retornaria, apesar de o curso durar três anos. Quanto incentivo!

O dia chegou e lá estavam todas as minhas malas arrumadas. O coração batia forte. Olhava pra minha mãe, que estava com uma feição triste. Meu pai mais ainda. Minha família toda, lá, me incentivando a não ir. Fui forte nessa hora. A hora da despedida foi a mais trágica. Estava eu dentro do ônibus, olhando todos que ficavam para trás.

No começo, tudo foi tão difícil. Ficar naquele lugar, sem minha mãe, tendo que fazer tudo sozinha; os estudos, o trabalho na “roça”, que exigia muito esforço e dedicação pessoal. Mas tudo valeu a pena. Depois de três anos, estava eu, carregando o troféu da vitória e o sorriso no rosto, representando todo esforço, dedicação, empenho e sofrimento deste período.

# Hotel divertido

Letícia Alves Martins

Era uma experiência nova de trabalho, um hotel fazenda enorme com vários chalés, uma piscina gigante e um navio enorme para as crianças brincarem na piscina. Os hóspedes podiam tirar leite da vaca, visitar os animais, andar a cavalo, pescar. Enfim, eram muitas as atividades possíveis.

Eu, como novata, não conhecia ninguém, nem mesmo na área de recreação, na qual eu trabalharia. Só haviam meninos e achei que não iria me dar bem, mas tudo se tornou uma grata surpresa. O “Tio Ton” era o mais divertido. Ele me recebeu bem, me mostrou um pouco do hotel e, logo, fomos recepcionar algumas pessoas que chegavam para o jantar.

No início, fiquei meio tímida, ele brincava com as crianças, com os pais, com os casais de namorados e eu ficava só observando. Afinal, era uma experiência nova para mim.

No outro dia, ao amanhecer, acordamos cedinho para começar as atividades com os hóspedes. Colocamos um cartaz, dizendo qual seria a programação do dia e que, terminado o café da manhã, os hóspedes já poderiam nos acompanhar. Durante a manhã, eles podiam tirar leite da vaca, andar a cavalo, fazer a trilha. À tarde, a atividade era a pesca. Já ao anoitecer, voltávamos para o jantar e, logo depois, fazíamos atividades dentro do salão.

Enquanto Tio Blu e Tio Mosquito preparavam o bingo para os pais, eu e Tio Ton estávamos com as crianças brincando de quebra-cabeça. O detalhe era que eu e ele estávamos vestidos de príncipe e princesa e as crianças ficavam encantadas, vendo os tios fantasiados. No decorrer da noite, os tios foram pensando em um nome de tia para mim, e escolheram Tia Lilo, pois Tio Blu disse que eu me parecia com a Lilo, do desenho *Lilo e Stich*. Embora eu não concordasse com a semelhança, aceitei o

apelido, porque achei bonitinho. E assim ficou, Tia Lilo.

Foi ficando tarde e já estava na hora de nos despedirmos das crianças. Eu estava me divertindo muito com elas, aquelas pessoinhas pequenas e fofas me faziam sorrir e ver, em cada olhar, a pureza e como é bom ser criança.

Depois de nos despedirmos dos hóspedes, fomos para nossos quartos, foi o fim daquele primeiro dia de trabalho. Nos outros dias, fizemos várias atividades diferentes, o que me deixava mais empolgada com o que eu estava fazendo. E assim foi o meu primeiro fim de semana trabalhando num hotel fazenda.

# Nada vem de graça

Monica Rosana de Andrade

A frase “nada na vida vem de graça” era comum para minha mãe. Acho que era uma maneira de incentivar eu e minhas irmãs a prosseguirmos os estudos. E não era para menos. Com sete anos, além do *bullying* que sofria, eu enfrentava um desafio diariamente. Levantava às 4hs da manhã, para uma caminhada de 8 km, que levava à gloriosa escola municipal onde estudava; que, graça ao bom Deus, foi fechada há uns 10 anos.

E não era uma jornada fácil. Atravessávamos pastos com bois que pareciam estar possuídos de tão bravos, subíamos um morro que, de tão íngreme, exigia que parássemos o tempo todo para descansar; passávamos um ribeirão utilizando a famosa “pinguela”, além dos canaviais, mata fechada, entre outras aventuras. Tempos difíceis aqueles.

Bom, mas vamos para parte legal. A aula de educação física na comunidade era mais ou menos assim. Uma aula por semana, todos os alunos, professores e funcionários participavam e, era quase uma rotina, a única tarefa era pular corda, com todas as variações e cantigas possíveis. Logo depois, era lançado o desafio: saltar a corda. O ganhador dava uma volta ao redor da escola, com todos os outros alunos correndo atrás, feito idiotas.

Como forma de agradecer a participação dos alunos, as professoras jogavam balas, pacotes de salgadinhos e pipocas para a turma, que lutava, com unhas e dentes, para conseguir ao menos uma bala em meio à confusão. Apesar das dificuldades, a diversão, as brincadeiras, o bom humor e a esperança de dias melhores estavam presentes em nossos dias. Tempos bons aqueles.

# Mulher-macho

Mônica Rosana de Andrade

Tudo começou com a vontade imensa da minha mãe de ter um filho homem. Afinal, ela já tinha duas filhas e queria um “machinho”, para completar a família e levar nosso sobrenome às outras gerações.

Finalmente, quando minha mãe engravidou, no exame de ultrassom, soube que seu esperado filho-macho-viril, na verdade, seria uma linda e doce garotinha: “eu”. Conforme fui crescendo, minha mãe percebeu que eu me vestia de forma diferente das minhas irmãs. Usava sempre bermuda, camiseta e tênis. Era ela mesma que cortava meu cabelo e o deixava curto e com um topete horrível. Como “cereja do bolo”, ainda passava um creme de salada de frutas para ficar cacheadinho.

Retomando essa imagem, mentalmente, vejo como eu parecia um menino de verdade; tinha até gogó! Vivía brincando com meus primos de ‘trolinho’, no terreirão de café da roça onde morava e, na escola, meus apelidos eram ‘girafa feia’, ‘Tina Turner’ ou ‘pesadelo’.

Certo dia foi marcado um culto, em nossa casa. Minha mãe avisou que não era para brincar até tarde, pois tinha que me arrumar para o culto. Na empolgação das brincadeiras, acabei atrasada. Entrei pela sala, morrendo de vergonha. Quando olhei para minha mãe, pela expressão do seu rosto, percebi que ela estava querendo me catigar. Sentei no sofá e fiquei reparando as filhas do pastor, que estavam de vestidinhos rodados e um lindo e grande laço nos cabelos. Logo que terminou o culto, o pastor disse a elas:

- Por que não vão brincar com a filha da D. Maria, enquanto nós, adultos, conversamos?

E uma delas cochichou ao seu ouvido, mas eu ouvi claramente o que ela disse:

- Não vou brincar com ela não, pai, Ela é mulher-macho!

Fiquei um pouco triste, mas também não queria brincar mesmo!

Assim que todo mundo saiu, disse para minha mãe que queria um enfeite de cabelo e não queria ser mais uma mulher-macho. Mas, como se diz na roça, “foi só fogo de palha”! No outro dia, estava eu no meio do mato, com os pés no chão, um bermudão largo e um maravilhoso enfeite no cabelo.

# Atletismo

Danielle Aparecida Rodrigues dos Santos

Todo início de semestre, no planejamento do subprojeto Educação Física do PIBID, nos dividíamos em grupos que atuariam em uma das quatro escolas parceiras do projeto. Antes de iniciarmos as atividades, contudo, era necessário conhecer o ambiente no qual atuaríamos.

A professora que nos supervisionaria já havia nos adiantado que, em seu planejamento, estava previsto o conteúdo atletismo. Como nossa intervenção era balizada pelo planejamento da docente, precisaríamos trabalhar com aquele conteúdo. As observações cumpririam o papel de nos dar pistas para pensar como apresentar aquele conteúdo, naquele contexto específico.

Nesse sentido, depois de semanas cumprindo a proposta de observações das aulas de educação física em uma escola estadual, eis o dilema. Como aplicar a modalidade atletismo, escolhida pela professora, para os alunos do ensino médio e da Educação de Jovens e Adultos, uma vez que as preferências deles eram sempre por futsal e vôlei?

Sem saber o que fazer, resolvemos aplicar um questionário para avaliar quanto daquele conhecimento os alunos tinham. O questionário perguntava, por exemplo, se eles conheciam a modalidade atletismo e se já a tinham praticado.

Quando fui conferir as respostas, para pensar como abordar o tema nas aulas, chamou a atenção o fato de muitos já terem praticado o atletismo, mas não saberem situá-lo. Eles achavam que o atletismo fazia parte de modalidades como vôlei, handebol, futebol, natação, entre outros e somente poucos sabiam do que se tratava realmente.

O questionário se mostrou uma ferramenta interessante para criar um panorama do conhecimento dos alunos. As práticas corporais fazem parte da cultura e, por isso, muitos de nós as praticamos sem conhecer os meandros históricos, culturais e sociais que as rodeiam.

Nesse sentido, cabe à educação física escolar estabelecer a ponte entre esse conhecimento, que está disperso na nossa cultura, e o conhecimento sistematizado e historicamente construído sobre a prática corporal em questão. Cabe, também, à educação física, ensinar os elementos mais elaborados dessas práticas, possibilitando aos alunos aprender melhor esse saber fazer, bem como refletir sobre ele. Um caminho que possibilita a eles se apropriarem desse conhecimento de forma crítica e, sobretudo, autônoma.



# Navegar é preciso

Ana Carolina de Assis Vasconcelos Vicente

## **Navegar é Preciso** *Fernando Pessoa*

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:  
“Navegar é preciso; viver não é preciso”.

Quero para mim o espírito [d]esta frase,  
transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.  
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.

Só quero torná-la grande,  
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo  
e a (minha alma) a lenha desse fogo.  
Só quero torná-la de toda a humanidade;  
ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso.  
Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue o  
propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evo-  
lução da humanidade.

A educação física faz parte da educação. Óbvio isso, não? Acho  
que nem tanto. Se a educação física é uma disciplina obrigatória do cur-

rículo escolar, por qual motivo a fazem parecer menos importante que outras disciplinas – como matemática, língua portuguesa ou geografia?

Ter consciência corporal é menos importante que saber uma equação? O desenvolvimento motor é menos importante que saber que o verbo concorda com o sujeito, em número e pessoa? - (João foi vencedor. Tu foste vencedor.). Ou saber o que são as rochas magmáticas é mais importante que praticar atividades físicas regularmente, combatendo doenças, como por exemplo, a obesidade? Não se trata da definição de quem é melhor, mas de mostrar que todas as disciplinas têm igual relevância.

Essa semana, após uma conversa com uma profissional de educação física da rede estadual de ensino, fiquei meio confusa. Não sabia se ria, se chorava, se matava ou se orava, tamanho era o descaso com que a educação física era tratada, inclusive pelos seus próprios profissionais. Professores de outras disciplinas, usando a aula de educação física como castigo ou prêmio. Alunos que “não sabem nem o que estão fazendo ali”. Leis que gradativamente estão extinguindo a educação física das escolas. Será que é impossível revertermos esse quadro? Como fazer isso? Se eu ficar nessa luta, eu vou conseguir “viver”?

Somos escravos de um sistema que nos cega a tal ponto que não conseguimos nos reconhecer como escravos. Então, resolvi colocar tudo na balança. Os prós e os contras. Afinal, essa é profissão que escolhi para minha vida, acreditando que um educador é um missionário, na arte de melhorar o ser humano.

Se olharmos a história, vemos que nos foi deixada uma cultura riquíssima, no que se refere à educação física. Platão, na Grécia Antiga, criou o conceito de equilíbrio entre corpo e mente ou espírito; esse é o conceito que considero meu alicerce, minha base.

O prazer de educar e ser constantemente educada é o que me fascina, é o que faz todos os “contras” virarem “prós”; uma vez que sem luta, não há vitória.

E lembrando o poeta, respondo a minha própria pergunta: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

É a forma que, em mim, tomou o misticismo da nossa raça.

# Minha vida e minhas escolhas

Crislaine da Silva Galdino

Todos os dias eu saía de casa, de manhãzinha, e ia pra escola fazendo o mesmo trajeto. Estava no terceiro ano do ensino médio e havia uma coisa que gostava muito de fazer. Um dia duas vezes por semana, minha prima me esperava na porta da escola. Eu ia com uma botina e esporas, dentro de uma sacola e, na saída, assim que entrávamos no carro, já colocava minha botina, junto com as esporas. Íamos rumo a Guaxupé, para o Rancho do Cavalo, treinar Três Tambores. Gostava tanto que nem almoçava. Aliás, gosto até hoje!

Quando estava terminando o terceiro ano do ensino médio, meu sonho era cursar medicina veterinária, sonho que seria impossível realizar. Naquela época, as faculdades que ofereciam este curso eram muito distantes de onde morava. Inexplicavelmente, outra opção que me surgiu foi a vontade imensa de cursar Educação Física; pois, desde pequena, falava que queria ser professora. Muito entusiasmada, me inscrevi para o vestibular em Muzambinho, justamente para cursar Educação Física.

Após realizar a prova, só restava aguardar o resultado. Passaram-se meses e, quando o resultado saiu, eu não havia sido classificada na primeira chamada. Já tinha até desistido, pensando o que faria, então, da minha vida. Mas eis que, um dia, enquanto tirava um cochilo no sofá de casa, o telefone toca. Era a secretária do curso de Educação Física avisando que surgira uma vaga. Ela me perguntou se eu gostaria de fazer. Disse que daria a resposta à noite, porque minha mãe não estava em casa e tinha que consultá-la primeiro. Conversei com meus pais e eles me apoiaram. Retornei a ligação para dizer, então que cursaria, sim.

No dia seguinte, levantei cedo e fui para Muzambinho, para o inesquecível momento de fazer minha matrícula. Logo, fui conhecer o curso. Conheci alguns colegas, muito simpáticos, que me avisaram

que, no mesmo dia, haveria prova de cinesiologia, uma das disciplinas mais difíceis do curso todo.

Eu já pensei:

- Ai meu Deus, estou perdida.

Quase enfartei, mas, respirei e, felizmente, não fui obrigada a fazer a prova.

Conforme fui conhecendo meus colegas, fazendo amizades e me relacionando com eles pelo facebook, começaram a surgir alguns questionamentos:

- Você monta cavalo? Você pratica Três Tambores?

Eu logo respondi, muito alegre, que sim, e alguns me perguntaram:

- Mas, por que você está fazendo Educação Física, ao invés de Medicina Veterinária?

Eu pensei, pensei e pensei mais um pouco! Sem saber direito o que dizer, expliquei que o motivo era eu trabalhar em uma escola de natação, em Guaranésia, e gostar muito de lidar com pessoas. Mas imaginava que as pessoas continuavam pensando:

- Como essa menina, da roça, veio parar no curso de Educação Física?

Mesmo acordando cedo, passando frio e chegando a Muzambinho todos os dias sete horas da manhã, penso que valeu a pena e que fiz uma ótima escolha em cursar Educação Física!

E quem sabe, um dia, ainda realizo meu outro sonho: o de cursar veterinária.

# Mesmice

Ana Caroline Tavares Lucas

No início do semestre, cada grupo do subprojeto de Educação Física do PIBID vai à escola, para observar o cotidiano escolar. A partir dessa observação, são decididas as estratégias pedagógicas a utilizar. Sempre ficamos ansiosos para conhecer os alunos, a escola, o contexto.

Quando começamos as observações, as atividades preferidas eram o futebol, para a maioria dos meninos, seguido do vôlei, para outros. Já havíamos sido alertados desse fato, mas constatar, com os próprios olhos, foi completamente diferente.

Com o passar do tempo, vi que isso não mudava. Fiquei abismada com esse fato e me interessei muito em mudar esse costume dos alunos. Perguntei-me como alguém poderia comer só arroz todos os dias e não enjoar. Pode ser uma comparação um pouco forçada, mas, para mim, é válida, por seguir a mesma lógica.

Durante a intervenção, por mais que a maioria relutasse muito – sempre havia aquela frase, no começo das aulas: “Solta a bola, dona, queremos futebol! – e que alguns nem chegassem a ir para a quadra, já ficando sentados na arquibancada, com aquela cara de coxinha mal frita. Fiquei muito feliz em ver que, a cada atividade diferente, os participantes sempre se divertiam e acabavam a aula com um sorriso no rosto.

Isso, para mim, já valia mil vezes mais do que qualquer “solta a bola”.

# Um caminho de pipocas

Allan Augusto dos Santos

Perambulei e perambulei. Tentei encontrar qualquer episódio que remetesse a uma situação cabível ao momento, ou mesmo atrativa aos ouvidos dos meus parceiros acadêmicos. Talvez, até o final do texto, isso dê certo; porém, confesso que ainda não sei qual episódio relatar. Mas, já que estamos juntos, neste ambiente universitário, por que não contar o caminho que me levou até o encontro de vocês?

Após um ano incrível, cheio de descobertas e indagações que a vida nos coloca, concluí o terceiro ano do ensino médio e, então, veio a pergunta:

- E agora? O que fazer?

Como crescer, virar gente grande e escolher um caminho, uma possível profissão, trilhar uma estrada, certa forma, sem volta? De qualquer forma, lá fui eu, cursinho e aulas práticas de *ballet* e jazz... Minha vida era dançar!

No vestibular, eu vislumbrava entrar em uma universidade federal mineira. Ela me sorria com dentes atrativos e abria seus braços, com um provável futuro cheio de contextos e passos voltados àquilo que era meu sonho: a graduação em dança.

Aprovado na prova prática, agora só faltava uma etapa. Passei por ela, classificado em 5º lugar da lista de espera; uma lista da qual tradicionalmente, eram chamados os candidatos que ocupassem a 8ª ou 9ª posição. Lá fiquei – 1, 2, 3, e quatro... E quatro... E 4 – foi isso e ponto. A lista de espera chamou até o aluno da 4ª posição e eu permaneci em Bebedouro. Desisti dos vestibulares e lá fiquei, dois anos, sem qualquer intenção de me agregar a um contexto acadêmico.

Depois de dois anos dando aula de dança na prefeitura, a vida se encarregou, por diversos meios, de me “coagir” a buscar o curso de Educação Física. Talvez um dos fatores que mais pesasse para essa es-

colha, fosse o fato de quase todos meus amigos terem entrado em uma universidade pública e fora da cidade. Eu não poderia ser diferente, ainda mais com um pai que se encarregava de me lembrar, quase que diariamente, dos R\$ 1200,00 que pagou de cursinho. Enfim, ENEM feito, lá fui eu às mirabolantes e conflituosas escolhas do SISU.

- Muzambinho? Muzambinho? O que é e onde seria isso?

Então, em um ato de possível insanidade, me inscrevi, disputando uma única vaga para aluno de baixa renda e histórico escolar público. Pais viajando e apenas eu, solitário, no dia de saber o resultado, quando, mais uma vez, a decepção poderia acontecer.

APROVADO! E uma sensação de alívio me consumiu, por toda semana, até a chegada do dia da inscrição. Talvez eu esteja equivocada, uma sensação de alívio que me consome até dias atuais.

Essa sensação era tão avassaladora que, dias antes – pensando como seria minha vida acadêmica e social naquela cidade, como seriam suas ruas e avenidas e quais seriam as pessoas a cruzarem meu caminho – bati em um carro, com toda a inércia de pensamentos, enquanto dirigia a moto da minha tia. Mas não morri. Era só o que faltava, depois de um ano de cursinho, mais dois anos apenas trabalhando, ser aprovado no vestibular e padecer antes de concluir a matrícula no curso.

Mas lá fui eu; com o joelho mais ralado que qualquer queijo de macarrão, a mão machucada e uma luxação monstruosa no pé. Tomei dois ônibus, atravessei 277 quilômetros sozinho, porque papai e mamãe estavam em viagem de férias, no Paraná. Só me coloquei tranquilo e me sentindo um universitário após a realizar a matrícula.

A história pode não ter sido tão legal, ou de um cunho muito agregador para vocês, mas é uma narrativa que contabiliza lágrimas, risadas e aprendizados únicos e revigorantes. Para finalizar, uma frase de um sábio contemporâneo, “as pessoas são como pipocas, cada uma tem a sua hora”. E cá estou, com meus novos amigos e nova família.

# Um mineiro nordestino

Vandilson da Silva Cruz

Todos sabemos que o estado de Minas Gerais é repleto de contrastes. Viajando por ele, de uma ponta à outra, o número de diferenças que encontramos tem uma proporção muito grande. Eu sou nascido no Norte de Minas Gerais, e não consigo me firmar em lugar algum, me considero uma espécie de cigano que vive por aí, rodando o estado à procura da garantia de um bom futuro.

Eis que dia desses, após conseguir uma bolsa de estudos numa cidade no Sul do estado, resolvi encarar esse novo desafio. Arrumei minhas malas, comprei minha passagem e parti em busca da concretização dos meus objetivos.

Cheguei à minha cidade de destino numa tarde um pouco chuvosa, diferente do sol forte que havia no meu local de partida. Na minha chegada, como, costumeiramente acontece com todos os novos estudantes que procuram lugar para morar, me foi indicada a pensão da famosa dona Maria. E fui muito bem recebido por aquela simpática senhora, que parecia já estar acostumada com essas entradas e saídas rotineiras de estudantes. Lá, já se encontravam, até o momento, 12 estudantes, todos vindos de cidades vizinhas. Alguns até vinham de longe, todavia, se comparada com a distância da minha terra natal, dava para ir e voltar àquelas cidades cerca de 10 vezes e gastar o mesmo tempo que eu gastaria para chegar à minha cidade natal.

Quando anoiteceu, todos os estudantes estavam se conhecendo, na sala, numa legítima reunião de bate-papo. A ideia era descobrir as afinidades e diferenças. Eu, deitado na cama, descansando daquela longa viagem, fui surpreendido por um dos moradores da pensão. Ele veio até meu quarto, me chamando para interagir com os demais. Fiquei meio acanhado; os olhares assustados das pessoas se voltaram, todos, para a minha direção.



O foco principal eram minhas roupas. Enquanto todos pareciam estar bem à vontade, vestindo peças leves, eu, todo coberto, com roupas quentes, até ensaiei usar uma touca na cabeça, mas, por sorte, não coloquei. Disse apenas um oi e sentei ali, no canto, ouvindo as conversas do gupo.

Falavam de viagens, comidas, baladas, estilos musicais. A cada palavra, eu me sentia mais deslocado. Embora possuíssemos alguns costumes parecidos, existiam muitas diferenças. Quando tomei coragem para dizer as minhas primeiras palavras, todos, mais uma vez, ficaram espantados. Muitos, sequer, entendiam o que eu dizia! Percebi uma estudante falando baixinho para as outras:

- Será que ele é nordestino?

E outra estudante disse:

- Acho que ele é baiano. Desde a hora que chegou, só ficou deitado naquele quarto e agora vem com essa conversa esquisita.

Percebi haver certa curiosidade sobre a minha origem. Os colegas de pensão fizeram muitas perguntas. E eu tinha que repetir a resposta, duas ou três vezes, para as pessoas decifrarem o que falava. Em determinado momento, me senti como uma criança aprendendo a falar, quando o grupo descobriu que muitas palavras que eu falava, com a a consoante “r”, soavam de forma diferente. Eram as palavras que, a todo momento, me pediam para repetir.

Um dos estudantes me perguntou de onde eu era. Eu respondi que era do Norte de Minas Gerais. Ele disse que já tinha ouvido falar desse lugar e sabia de um sujeito que morava lá pertinho, era nordestino como eu; talvez eu até o conhecesse. Naquele momento, percebi o tamanho desconhecimento dele sobre a localização geográfica da região. Mesmo assim, fiquei curioso e perguntei de onde era esse tal sujeito do qual ele falava. Ele, então, disse que esse sujeito trabalhou perto da sua casa e era cearense. Fiz um cálculo rápido na cabeça e, embora não soubesse a distância real do Norte de Minas Gerais ao Ceará – eu chutava ali aproximadamente uns dois mil quilômetros. Ou seja, grande parte das pessoas pensam que o Norte de Minas Gerais faz parte da região Nordeste do Brasil. Outra coisa que pude observar: muitos

pensam que o Nordeste não tem divisão de estados. Tratam a região como se fosse um lugar só, onde todos moram juntos e se conhecem. Como se o Nordeste fosse um bairro e cada estado, um quarteirão. Seus moradores não são o pernambucano, o alagoano ou o paraibano, apenas o nordestino. Nesse momento, comecei a pensar no quanto gosto dos costumes mineiros; do povo acolhedor, das comidas do fogão de lenha e do famoso pão de queijo. Pensei, também, como gosto da região Nordeste; dos costumes, das músicas empolgantes, das comidas de tempero forte. Então, me dei conta de quanto o clima nordestino é parecido com o da minha terra natal e o sotaque que, embora seja diferente, é bem próximo do meu. Por fim, cheguei à seguinte conclusão:

- Acho que eu sou um mineiro nordestino!

# Apenas um pacote de bolacha

Amanda Nogueira dos Santos

Quando eu era criança, um de meus primos, com quase a minha idade, não conseguia aprender, com a metodologia aplicada pela sua escola. Os professores falavam que ele era preguiçoso. Como consequência, na casa dele, os castigos eram constantes. No final do ano, ele sempre ficava muito triste; quando não repetia de série, os professores comentavam que ele seria “empurrado”, como se fosse um objeto a passar adiante.

Eu não conseguia entender o que acontecia, mais sabia que havia alguma coisa errada. Ao contrário do que seus professores falavam, ele não era preguiçoso e tinha muita vontade de aprender.

Certo dia, os professores chamaram meus tios para dizer que ele deveria estudar na APAE, pois aquela escola não era mais “adequada” para ele. Seus pais não queriam aceitar de jeito nenhum! Contudo, também não viam outra saída e, sendo assim, tiveram que concordar.

A partir de então, na APAE, ele começou a aprender. Ele morava bem perto da minha casa e, todos os dias, após a aula, passava na minha casa, contando o quanto aquela escola era boa e tudo que estava aprendendo.

Infelizmente, aos 15 anos de idade, ele sofreu um acidente e faleceu. Foi difícil superar, mas, todas as vezes que passava em frente à APAE, lembrava de como a instituição fez bem a ele. Estudar em um lugar que não o tratasse como objeto, que fornecesse as ferramentas adequadas para seu processo de ensino-aprendizagem, fez muito bem ao meu primo, como deve fazer muito bem a várias pessoas. Impossível foi esquecer o quanto aquela escola era boa.

Quando decidi cursar Educação Física, sabia do meu desejo em reencontrar aquela instituição. Logo, na faculdade, comecei a participar de projetos e estágios na APAE. Foi um período de grande aprendi-

zado, em todos os sentidos. Aprendia muito, além do que podia ensinar; admirava a força e superação que aquelas pessoas possuíam.

Certa vez, conversando com alguns alunos, falei sobre o sonho de estar ali. Um menino me olhou, assustado, e perguntou o que era sonho. Respondi a ele que sonho é algo que as pessoas buscam para serem felizes, e que eles podem ser os mais diversos possíveis. E perguntei a ele quais eram seus sonhos. Fiquei um pouco receosa, ao fazer aquela pergunta, pois imaginava que o sonho de todos, ali, era não possuir nenhuma limitação. Pobre pensamento meu! Ele me respondeu sorrindo que seu sonho era comer um pacote de bolacha recheada. Comovida, logo que pude, tratei de comprar a bolacha para levar a ele.

A lição foi enorme. Os sonhos podem ser bem simples, nunca vi alguém comer algo tão gostoso. E, finalmente, percebi que ser professora vai muito além da simples transmissão de conhecimento.

# De tanto nunca, agora sempre!

Gustavo de Mello Garcez

Nunca foi um aluno normal, se é que eles existem!  
Nunca foi um aluno formal, ora que esquisitice!  
Nunca foi um aluno moral, sua redação nunca saiu no jornal!  
Copiar, decorar e esquecer a matéria? Isso sim que é anormal!

Nunca foi um aluno disciplinado, mas que menino danado!  
Nunca foi um aluno isolado, imaginem sós? Ele, calado?  
Nunca foi de matar aula, preferia matar a ordem!  
Nunca foi fã de uniforme, pontualidade, então? Ele preferia a morte!  
Nunca foi de evitar o contraponto; para este, sempre esteve pronto.

Nunca foi um aluno exemplo, porém, sempre esteve por dentro.  
Nunca foi respondão, mas diz, com orgulho, jamais abriu mão de uma questão!  
Nunca se adequou as normas, escola tradicional? É uma ova!  
Nunca abriu mão de admirar seus mestres,  
E quando lhes dava folga, até que recebia isso de volta.

Nunca foi de muita coisa, e vejam agora onde está...  
Descobrimo que sempre quis ser professor!  
Nunca quis outra coisa, senão lidar com alunos anormais,  
Sem uniforme, e totalmente impontuais.  
Afiml, sei o que alunos, por sorte, nunca serão.  
Talvez, com muita resistência até diluem a algum padrão,  
Mas, alunos normais? Ahh... Isso, eles nunca serão!

# Como me tornei professora?

Mariana Zuaneti Martins

Um dia um aluno, inconformado com a situação dos professores no Brasil, tamanha a precarização e a discriminação que a categoria sofre, me perguntou:

- Mas por que você decidiu ser professora?

Ao olhar para ele, percebi sua vontade de ouvir palavras belas, que o incentivassem a também seguir a carreira docente, uma vez que a tal situação o aconselhava a procurar outros rumos. Contudo, naquele momento, um silêncio me tomou. Até então, tinha pensado pouco sobre o porquê havia decidido ser professora. Não respondi, de imediato, desconversei e fiquei dias pensando no assunto.

Quando estava no ensino médio, pela minha facilidade com as disciplinas de exatas, minha família toda apostava na minha vocação para a engenharia. Engraçado é que buscavam construir, em mim, uma pretensa vocação que, pensando hoje em dia, sequer existia. Olho para a vida dos meus amigos engenheiros – observando como eles têm que lidar com seus funcionários, a pressão das chefias, as inúmeras viagens, o puxa-saquismo com clientes – e fico pensando que jamais teria vocação para isso. Enfim, fato é que, do ponto de vista desse tipo de vocação que a família tenta encontrar na gente, para a docência, também sei que nunca tive.

Normalmente, quando, em especial, uma menina adquire uma facilidade em cuidar de crianças, um gosto por elas, diz-se que tal menina tem vocação para ser professora. Esse nunca foi o meu caso! Tinha a mesma facilidade que um elefante possuiria, para lidar com crianças. Aliás, a primeira vez que me vi sozinha, cuidando de crianças, foi em um estágio, na faculdade. Minhas tias, que são professoras, jamais imaginavam que fosse possível, com toda aquela falta de jeito que eu tinha, eu ser professora.

E, olha, eu pude! E depois de sê-lo, percebo que não é essa su-

posta facilidade com crianças que te faz professora, até porque, ela não é natural. Ao contrário, ela é adquirida, cultivada e, no caso do professor, deve ser estudada também. Aliás, Paulo Freire tem um belíssimo texto, no qual diz “tia não, professora”, tentando deixar claro que, diferentemente de minhas tias – que eram tias na escola também – tentavam me dizer, estar em uma sala cheia de crianças não significa apenas cuidar delas, como se fossem sobrinhos dos quais você toma conta, mas educá-las. E para cumprir essa função educativa do professor, é necessário muito estudo e qualificação.

Voltando à minha falta de vocação para a docência, fato foi que, quando disse à minha família que faria Educação Física, mesmo tendo todas as tias professoras, minha mãe teve quase um piripaque.

- “Mas você quer ser .... professora?”

E, naquela época, eu disse:

- Claro que não, mãe. Vou ser treinadora, pesquisadora, sei lá”.

Como se essas coisas não envolvessem, de alguma forma, a docência. Deste modo, a docência, na minha vida, não foi exatamente uma escolha consciente.

Claro que eu tive bons professores; professores que marcaram minha vida, sem os quais as minhas atuais escolhas não seriam possíveis. Sou capaz de nomear o papel de cada um na minha vida – aquele que me ensinou as primeiras palavras; me deu meu primeiro livro; tirou a minha cadeira, porque eu não parava quieta no meu lugar; que me apresentou ao marxismo; que me incentivou a estudar; o que me deu a primeira bola de futebol; aquele que falou você deveria fazer Educação Física. São muitos, fizeram a diferença, mas jamais pensei que fosse ser capaz de fazer isso a alguém, por isso, pouco cogitei a possibilidade de ser professora.

A aproximação se deu somente na faculdade. Sempre fui um pouco rebelde e inconformada com as injustiças que rodeiam o mundo. Mas nunca soube direito o que fazer. Já fiz de tudo; usei preto, cruz ao contrário, fui para passeata, campanha política etc. Algumas dessas coisas contribuía para tentar mudar o mundo; outras, nem tanto. Foi, entretanto, numa aula da faculdade, com um desses professores,

para o qual você olha e vê um brilho terno de segurança, ao mesmo tempo, em que uma indignação com o mundo, que conheci o já mencionado Paulo Freire.

Lendo “Pedagogia da autonomia”, eu percebi que existiam várias formas de mudar o mundo, e a educação dos homens e mulheres é uma delas. Afinal, a educação não muda o mundo. A educação muda os homens (e mulheres) e estes mudam o mundo! Evidentemente, o próprio Paulo Freire argüiria que existem várias dimensões da educação e a própria atuação político-partidária e dos movimentos sociais é uma delas. Entretanto, foi vendo a sensatez, permeada de ternura, dessa apaixonada professora que fui me encantando com a docência.

Eu queria ser professora. Eu queria dialogar, eu queria ouvir meus alunos, eu queria educá-los, eu queria demonstrar como somos todos inacabados, como podemos mudar, como somos sujeitos históricos, como mudamos o mundo. Decidi, professora serei.

Então, a minha jornada rumo à docência começou com muito estudo, buscando entender a educação, para fazer parte dela. Conheci e aprendi com muitos autores, muitos outros tipos de professores, muitas teorias. Li sobre o Paulo Freire, critiquei elementos de sua proposta. Estudei pedagogia, educação física, esporte. Aprendi muito. Descobri ser docente é ser pesquisador e autor, a todo tempo. Minha vida não é de ensino, é, sobretudo, de estudo e partilha e aprendizados constantes. Afinal, tal como o educando, o educador também é incompleto. Aprendi também que, dada a “situação” da educação no país, o professor é, também, um lutador. E minha tarefa de mudar o mundo não se aplica apenas à sala de aula, mas às ruas, às greves, aos debates, às urnas.

Por isso, sei como um autor e um professor nos inspiram. Sem Paulo Freire, talvez a beleza e o amor pela docência não existissem em mim. Sem dúvida, sem aquela professora, que professava belamente as palavras do autor – sendo coerente com o que ele propunha – a docência jamais se acenderia, como uma chama, nos meus anseios. E foi assim que decidi tentar inspirar outras pessoas a, da sua forma, mudar o mundo.

Acabei não respondendo diretamente à pergunta do aluno, mas, se, de alguma forma, eu o tiver inspirado à mudança e à autonomia, sei que a resposta foi dada.



# Um dia de saias

Mateus Camargo Pereira

Numa segunda-feira de fevereiro, foi marcada uma atividade, no contexto do debate sobre o tema “gêneros”, na disciplina Sociologia e Antropologia da Educação Física, ministrada no 3º período dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, do IFSULDEMINAS – campus Muzambinho. A proposta era que todos e todas viessem à aula de saias; seria uma forma de repensarmos nossas posturas individuais com relação às questões de gênero, e provocar reflexão sobre o assunto nas outras turmas e frequentadores da faculdade de Educação Física

A aula transcorreu normalmente. Neste dia, as atividades foram na quadra. Desfilamos pela faculdade com minissaias, saias longas de seda e outros tecidos. Não foram poucos os olhares de estranhamento de visitantes, e mesmo de estudantes, técnicos e professores daquele espaço profissional. Trabalhadores da construção civil, que atuavam no prédio, faziam caras e bocas.

Finalizada a aula, fizemos uma rodada de discussões sobre a experiência. Os poucos que não vieram de saias se justificaram, alegando pensarem se tratar de um trote. Ainda que muitos pensassem desta forma, isso não ocorreu. O dia terminou com fotos e postagens no site “Moça, você também é machista”, o maior site do gênero do mundo, cujos administradores são estudantes aqui da região.

Semanas depois, era carnaval em Muzambinho. A cidade dobra sua população no período. O bloco “Vermes e Cia” atrai forasteiros de muitos lugares, com sua programação de *funk*, axé, pagode e sertanejo universitário.

Após a festa do Momo, duas alunas participantes do “Dia de Saias” relataram um fato interessante, protagonizado por elas, durante o carnaval. No local onde a programação ocorria, havia banheiros rosa e azuis. Resolveram usar os banheiros azuis, por conta da menor

fila – afinal, homem acaba “dando um jeito” em qualquer lugar mesmo – e para verem que tipo de reação ocorreria. A cada uso dos banheiros azuis, caretas e frases hostis eram manifestadas contra elas, que retrucavam, dizendo:

- Onde está escrito que os banheiros azuis são de uso masculino?

Na sala, dei os parabéns a elas. Em casa, quando deito no travesseiro, sorrio, silenciosamente, pensando:

- Valeu à pena vir para Muzambinho.

# Desafios de um estagiário do ensino infantil

Fernando Martins de Melo

O começo do segundo semestre de 2014 trouxe consigo o quarto período de Educação Física e, dentre várias disciplinas, é hora de começar com o estágio não remunerado no Ensino Infantil. Juntar os documentos e começar a busca por uma escola com tal nível de ensino. Algo que não parecia uma tarefa tão árdua, num primeiro momento, vendo a lista de escolas que nos foi disponibilizada. Mas as aparências enganam. Conseguir estágio numa cidade de pouco mais vinte mil habitantes pode ser uma missão um pouco complicada. Muitos alunos buscam as mesmas escolas, sendo alguns, como eu, do período noturno e outros do período vespertino. Logo, o reduzido número, de aproximadamente seis, se tornou um problema, visto que o número máximo de acompanhantes por turma é de três estagiários.

Como se não bastasse a referida dificuldade, deparo-me com outra, um pouco mais grave. O famigerado governador do estado de Minas Gerais consentiu que as aulas de Educação Física não fossem, necessariamente, ministradas por um profissional da área; sendo, na maioria dos casos, conduzidas pelo professor regente. Algo deveras arriscado, em se considerando a preparação específica do curso. Se não há necessidade de um profissional graduado em Educação Física, por que, então, formar profissionais capacitados para esta faixa de ensino? O governador desconsiderou todos os debates sobre o assunto, realizados durante mais de 30 anos, que justificam a presença de um professor especializado para essas aulas.

Com muito custo, encontrei uma escola e fui capaz de iniciar minha experiência, pensando o quão difícil seria enfrentar os próximos estágios. A dificuldade de uma profissão sem reconhecimento e

mal remunerada, – com uma luta contra interesses políticos e o sucateamento da escola pública – faz com que os os professores enfrentem o desafio da educação de jovens, cada vez mais desmotivados e marginalizados pelas condições de vida. O estado não incentiva, nem aluno, nem professor, para este trabalho, que parece até messiânico.

Que o futuro possa oferecer condições mais justas e dignas a quem, incessantemente, luta pelos seus direitos e deveres. A carreira de professor, muitas vezes, não gratifica os que lutam por ela. Talvez o maior tesouro destes professores seja ver, em cada um de seus alunos, a superação, o brilho nos olhos, o prazer por aprender, por descobrir o novo. Não aquele que se copia ou que se ordena, mas aquele que modifica verdadeiramente cada um. Que este estágio possa aumentar as chamas de todos que buscam o verdadeiro aprender; aquele baseado na construção do saber!

# Mãos ao alto! Isso é uma prática pedagógica.

Rafael Castro Kocian

Mesmo com toda tecnologia disponível e acessível aos nossos alunos, com aparelhos celulares, *smartphones*, *tablets*, e tantos outros equipamentos – é incrível perceber como situações corriqueiras também chamam atenção de nossas crianças. Em 2009, quando era coordenador pedagógico de um projeto social, em minha cidade, passei por uma situação interessante.

Tudo começou quando foi instalado um telefone público – orelhão – no pátio do projeto. Pronto, mesmo as crianças com acesso a tecnologias mais avançadas estavam ali para conferir a novidade. No intervalo, se formavam filas de alunos entre seis e oito anos, que chamávamos de T1,, para mexer no aparelho.

Aquilo me chamou atenção e, logo, percebi que o interesse não era pelo aparelho em si, mas pelos trotes telefônicos que eram aplicados. O líder da turma era um garoto chamado Eduardo, muito esperto e participativo, mas sempre envolvido em confusões. Os trotes eram os mais variados, desde os aplicados na própria família – o Eduardo mesmo adorava enganar a avó materna – até as ligações para instituições como Bombeiros e Polícia Militar.

Diante disso, era hora de agir. Passei em todas as salas, explicando a importância de termos um orelhão na unidade, mas alertando como ele deveria ser usado corretamente. A princípio, todos entenderam, mas, no intervalo seguinte, o orelhão continuava sendo o espaço mais disputado e divertido do pátio.

Eu relutava em proibir o uso, pensando, então, em como planejar uma intervenção pedagógica significativa, para que os alunos

aprendessem a importância e não fossem tolhidos do direito de usar um telefone público. Então, chamei os meninos mais empolgados com o orelhão – dentre eles, o Eduardo – para uma conversa particular em minha sala. Expliquei que essa não era a função daquele telefone público e que esse trote poderia gerar vários incômodos para as pessoas; tudo numa conversa super tranquila e amigável. A princípio, todos entenderam, mas, no intervalo seguinte, o orelhão continuava sendo o espaço mais disputado e divertido do pátio.

Surgiram às primeiras reclamações de pais de alunos, que recebiam ligações a cobrar, na maioria das vezes feitas pelo Eduardo, para dizer coisas absurdas. Eram informações como “seu filho foi suspenso”, “seu filho pediu para avisar que não vai voltar mais para sua casa”, “seu filho pediu para falar que você é uma mãe muito chata”.

Fiz cartazes, peguei dados interessantes sobre trotes telefônicos, fixei ao lado do orelhão, e nada. A rotina dos trotes seguia e se tornava uma prática cada vez mais divertida, e eu, relutando em proibir o uso; essa seria a última alternativa.

Mas, eis que, um belo dia, as coisas mudaram. Após alguns trotes telefônicos, inclusive para a polícia, aparece na unidade, uma viatura da Polícia Militar. Na verdade, não tinha nada a ver com os trotes, era o senhor Fonseca, um policial amigável que, de tempos em tempos, passava da unidade para tomar um café. Na chegada da viatura, foi um alvoroço com as crianças, uma correria. Todos achavam que o policial estava ali por causa dos trotes do Eduardo. Para mim, a chegada da viatura era a chance de chamar atenção das crianças; sinceramente, meus olhos devem ter brilhado.

Fui receber o senhor Fonseca no portão e, como de praxe, o convidei para um café, na sala de gestão do projeto. Já que trabalhávamos com o conceito de cultura de paz, solicitei que ele guardasse sua arma em nosso armário, como sempre solícito, e ele atendeu. Conversamos sobre diversos assuntos, dentre eles, os trotes telefônicos. Foi quando pedi que ele conversasse com alguns garotos e combinamos nossa intervenção “pedagógico-militar”.

Ao sair da minha sala, muitas crianças perguntavam se o Edu-

ardo seria preso. Disse que não, mas que precisava conversar com ele. Imediatamente, todos deduraram que o garoto estava escondido e que o “cativeiro” era a sala de dança. Ao caminhar, em direção à sala, uma multidão de crianças me seguia, meio que como pedindo justiça. O clima era tenso entre nossos T1. Fiquei preocupado em não transformar aquilo numa experiência traumática para os garotos.

Ao me aproximar da sala de dança, o Eduardo veio, em minha direção, e disse:

- Eu dei trote, mas o Pedro, Fabinho e o Mike também deram.

Não sabia dos demais envolvidos, mas respondi prontamente:

- Ótimo. São esses nomes mesmo que o policial falou.

Fomos em direção à sala de gestão, com os garotos apreensivos e uma multidão de crianças acompanhando. As crianças faziam várias perguntas:

- O Eduardo vai ser preso na cadeia, ou na Febem?

- Vamos poder visitá-lo?

Às vezes, eu tinha muita vontade de rir, mas não podia.

Chegando à minha sala, me surpreendi. O senhor Fonseca estava sentado em minha mesa, pronto para dialogar com as crianças. Uma cena que nunca imaginei. Eduardo lançou uma pérola, que quebrou o clima tenso.

- Só falo na presença dos meus advogados!

Não consegui segurar a risada, nem eu, nem meus colegas de gestão. Apenas as crianças não riram.

Após o clima descontraído, o silêncio voltou. Ninguém falava nada. Me posicionei atrás dos garotos sentados, e pude perceber que eles estavam tensos. Eduardo suava de escorrer. Foi aí que o senhor Fonseca, aquele policial militar perto da aposentadoria lançou:

- Mas por que você precisa de advogado? Eu vim até aqui, pois você ligou na polícia. Gostaria de saber o que você precisa de mim.

Antes dos garotos responderem, ele continuou.

- Eu até fiquei preocupado e vim aqui correndo. Logo depois de

you, a lady who was being assaulted also called. She said that there was a thief in her house, but she called first, then I went there. Tell me what you need from the police?

When the policeman said this, the eyes of the boys jumped with concern and Eduardo spoke.

- Ei! You are crazy? Go help the old woman.

- Of course not! You called first and the police is here, at your disposal, to solve your problem. Tell me why you called me here?

The boys exchanged glances and assumed:

- It was a prank.

Eduardo already admitted, as if he were part of the police:

- Now, let's save the lady from the thief.

It was then that I intervened and commented:

- Boys, remember when I said that other people could need the police, while you were playing?

That sensation of the boys made more sense than any talk or bluff.

Mr. Fonseca pretended to call another policeman to check the lady's house and told some cases of pranks, which ended in a way not so pleasant. Together, we asked what the boys would do to fix the mistake and gave them five minutes to think. After they met, Eduardo proposed that they go to all the classrooms, to share the experience and say that they can't apply pranks.

At that moment, the children had already turned back to the classrooms and our teachers didn't know what had happened. I went, along with the boys, from classroom to classroom, accompanying their words. The teachers, not knowing what happened, didn't credit them as those boys were talking about. The next day, the teacher was already in the desert, during the break.



# As duplas que causaram reboliços

Erik Vinicius de Orlando Dopp

E lá íamos nós, para mais um dia de estágio do curso de Educação Física, numa escola onde iniciaríamos a docência no 5º ano do ensino fundamental. Eu e meus colegas fizemos um planejamento para trabalhar “futebol de casal”.

E assim começou nossa aula. Explicamos como seria a atividade e, em seguida, pedimos que os alunos formassem pares, com uma menina e um menino. Confesso que nunca havia visto tamanho “reboliço” nas aulas de educação física; tudo por conta de que os pares deveriam dar as mãos. Um ficava olhando para o outro, eles cochichavam, e ninguém escolhia seu par. Então, decidimos intervir:

- Se vocês não decidirem logo, nós escolheremos.

Logo se manifestaram:

- Nããããoooo!

E começaram a formar as duplas. Pronto, as equipes estavam formadas. Nesse momento, duas duplas me chamaram, e uma das meninas disse:

- Camila, não podemos trocar? Eu vou com ela e ele vai com ele.

Eu respondi que não e, antes que eu terminasse, elas já me interromperam:

- Mas vamos ser duplas também.

Logo, respondi:

- Mas as duplas devem ser mistas; afinal, jogar assim é divertido.

- Mas eles são muito chatos! – Disseram as meninas

- Ah! Vocês que são! – Retrucaram os meninos

Resolvi cortar a discussão, que estava atrasando a brincadeira.

- Ninguém é chato não. Vamos parar com isso.

A brincadeira começou a fluir normalmente, com os alunos se-  
quer lembrando que meninos e meninas estavam de mãos dadas. Al-  
gumas falas vinham dos meninos:

- Aí! Não posso ir sozinho? Ela não corre.

Mas eles acabavam aceitando a situação.

Assim foi e, apesar da rejeição inicial da classe, a atividade foi  
um sucesso.

Percebi que existe realmente uma separação de gêneros, que os  
próprios alunos, naturalmente, se separam. Mas, como futuros profes-  
sores, acredito que possamos mudar esse quadro. E algumas questões  
ficaram. De onde vem essa separação? Vem da cultura escolar? Vem da  
sociedade?

E assim terminou o estágio daquela semana.

# Saindo da normalidade

Rafael da Silva Xavier

Ansioso pela minha primeira intervenção com crianças, discutida na disciplina de Jogos, Brinquedos e Brincadeiras, estava eu, na praça da cidade, durante as atividades do Dia do Livro. Era um dia comum, no qual as crianças visitavam uma biblioteca na prefeitura e, depois, participavam de oficinas organizadas pelo professor e pelos estudantes de Educação Física.

Primeiro chegaram os pequeninos do ensino infantil. Organizamos um círculo, para iniciar a brincadeira. A exigência, para participar, era ficarem todos de mãos dadas. Preocupado, percebi um rompimento do círculo. Existiam duas crianças, uma menina de pele clara e olhos azuis, e um menino de pele escura e olhos castanhos escuros. Cheguei perto deles e perguntei por qual motivo não queriam dar as mãos. A menina balançou a cabeça, sinalizando o não. Pensei que era uma simples “briguinha”, típica de colegas de sala. Peguei as mãos dos dois e as coloquei juntas, novamente. Em questão de segundos, a menina soltava as mãos e começava a passar na calça, como se as estivesse limpando. Resistia em dar as mãos àquele colega. Percebi que não era uma simples “briguinha”. Tratava-se de preconceito do meio social, refletido nas crianças. Sem tempo para um diálogo com calma, dei as mãos para elas, mantendo o círculo unido e fiquei refletindo; a tarefa dos professores não é mesmo nada fácil!

# Gênero, sexualidade e formação docente

Wedson Guimarães Nascimento

Pesquisando sobre gênero e sexualidade, encontrei um blog que trata especificamente do tema. O blog Ensaios de Gênero, segundo descrição, foi fundado em 09 de outubro de 2011, por Adriano Senkevics, que logo incorporou Lucas Passos e Matheus França. “Três garotos abertamente feministas, que compartilham uma página virtual”, como eles mesmos se definiam.

O texto principal do blog – de Adriano Senkevics e intitulado “Plano Nacional de Educação e a ideologia de gênero” - foi postado no dia 12/04/2014. Ele fala de um artigo do PNE, cuja menção ao termo gênero é suficiente para causar reboliço, pela proposta de que esse artigo dê “ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual”. Na sequência, há uma imagem mostrando os setores conservadores mobilizados, segurando faixas, com dizeres do tipo “Não à ideologia de gênero no PNE”.

Após ler o texto, postei no grupo e quis saber o que pensavam outros colegas da área a respeito do debate. Para isso, enviei o artigo a uma amiga recém-formada em pedagogia; afinal de contas, “o PNE define as metas e as estratégias da educação brasileira para os próximos dez anos, orientando as políticas educacionais em todos os níveis”. Perguntei o que ela achava, se tinha visto algo relacionado ao tema, em seu processo de formação, e se acreditava que a lei deveria ser aprovada.

A princípio, recebi a seguinte resposta:

- Vou ler o texto e deixo a minha opinião. Aliás, quem diria, estou gostando muito. Tenho uma turma de educação infantil – cinco aninhos – e está sendo uma experiência maravilhosa. Abraços, querido.

Após realizar a leitura, ela me manda a seguinte mensagem:

- “Olha, Wedson. Não estou levando para o lado religioso – e penso que deve se ter respeito ao gênero sexual que o indivíduo escolheu – mas não acho necessário aprofundarmos na escola. Misturaria muito as coisas e a mente de nossas crianças. Penso que elas devem

crescer e seguir suas vidas, Deus fez o homem e a mulher e criou uma família. Sei que deve estar pensando que estou sendo preconceituosa, mas, não; estou falando sobre a criação. Eu respeito muito. Não estou lembrada de ter sido abordado esse tema específico, em alguma disciplina. Por favor, entenda, não é um preconceito religioso da minha parte. Penso no que foi instituído por Deus. Abraços.”

Religião à parte, chama atenção a frase “respeito ao gênero sexual que o individuo escolheu”, e o trecho em que ela diz “não esta lembrada de ter sido abordado esse tema específico, em alguma disciplina”, no seu período de formação.

Posso estar enganado, mas é um tema presente nos documentos oficiais, presente no cotidiano das escolas. E, sendo assim, como professor, sendo ou não religioso, é complicado não ter conhecimento do assunto. A escola é laica!

*Post scriptum.*

Em abril de 2014, quando redigi este texto, o Plano Nacional de Educação (PNE) ainda estava em tramitação. A “Ideologia de Gênero” surgiu, como impeditivo para sua aprovação, porque o artigo 2º do PNE propunha que, além de ações voltadas para a superação das desigualdades educacionais, fosse dado destaque à necessidade da “promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual”. Provavelmente, não se imaginava as proporções que isso tomaria, quando o plano entrasse em vigor. Após três anos de discussão, finalmente, no dia 3 de junho de 2014, o PNE foi aprovado; sem o destaque para as questões de gênero.

No início de 2014, quando surgiu a “ideologia de gênero”, tive a oportunidade de conversar, com uma amiga pedagoga, a respeito do tema. Ela se posicionou a favor da supressão do termo, pois diz acreditar não ser necessário aprofundar o tema na escola, acreditando que isso misturaria muito as coisas e a mente das crianças. Ela pensa que as crianças devem crescer e seguir suas vidas.

Plano aprovado, a próxima fase é a elaboração dos planos estaduais e municipais de educação, que devem ser coerentes com o plano nacional. Mais uma vez, as questões de gênero surgiram, com força total. As bancadas religiosas, com apoio de instituições como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), fazem de tudo para elimi-

nar qualquer expressão que possibilite, às escolas, a abordar o tema.

Em carta aberta à sociedade, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (SNBB) se posiciona contra a suposta “ideologia de gênero”. Afirma que “a introdução dessa ideologia, na prática pedagógica das escolas, trará consequências desastrosas para a vida das crianças e das famílias”, reforça que a ideologia “desconstrói o conceito de família, que tem seu fundamento na união estável entre homem e mulher”.

Já Carlos Magno, presidente da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (ABGLT), diz lamentar que a questão de gênero tenha sido retirada dos planos. Afinal, o que se quer, dentro de um plano de educação, é que as questões de gênero sejam discutidas.

Pelo menos oito estados retiraram, dos seus planos de educação, referências à identidade de gênero, diversidade e orientação sexual. Em São Paulo, 43 vereadores votaram a favor, e quatro contra, um texto substitutivo do Plano Municipal de Educação (PME), que não fazia menção às questões de gênero e orientação sexual. A vereadora Juliana Cardoso justificou porque votou contra o texto substitutivo.

“Pela mentira que foi colocada e sustentada sobre ideologia de gênero, que não existe; por vivermos em um país republicano, laico, e por respeito principalmente ao artigo 5º da Constituição Federal; em respeito a todas as mulheres, que ainda hoje são violentadas, agredidas e estupradas; pelas crianças, jovens e adolescentes discriminados no ambiente escolar; em respeito e solidariedade aos seres humanos e às pessoas e, principalmente à população LGBT que é discriminada, agredida e excluída do ambiente escolar... Meu voto é NÃO”.

Frente ao exposto, percebe-se uma coisa muito simples e presente em nosso cotidiano. O preconceito e a enorme rejeição à ideia de igualdade; não só por parte da minha amiga, na época pedagoga recém-formada, mas também por uma gama de pessoas. E vale lembrar que se trata de nossos representantes, que deveriam estar preocupados, entre outras coisas, com a “promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual”; e que, contraditoriamente, agem contra isso. Entretanto, para nossa sorte, assim como disse Viviane Mosé, “quem dá aula é o professor. Nós não precisamos que os vereadores decidam isso, nem nos intimidar com que os vereadores decidem, nem esperar que os vereadores decidam (...)”, pois “eles não nos respeitam”.





**INSTITUTO FEDERAL**  
Sul de Minas Gerais